

OLÍMPIO CATÃO

O NEGRO

AO CIDADÃO

DOUTOR

AMÉRICO BRASILIENSE

Offerece

O Autor

RIO DE JANEIRO  
Tip. da Escola  
1879

## AO LEITOR

Offerecendo este meu pequenino drama, pobremente laborado nos intervallos do serviço da escola e da imprensa, ao illustrado Sr. Americo Brasiliense, rendo a homenagem que devo como brasileiro e democrata a um dos melhores caracteres, a um dos primeiros vultos da actual geração.

Seja estimado em pouco o meu Negan, embora elle não tenha pretensões; eu tambem não tenho titulos que o recommendem ao conceito publico.

E' o filho do proleario que se abriga nos generosos braços do amigo dos pobres.

Que o Negan obtenha recepção igual a do Otullam — eis os meus desejos.

Cidade de Loana. Janeiro de 1879.

OLYBIO CARÃO.

## PERSONAGENS

### PROLOGO

SIMEÃO, o negro.  
DR. CHRISTOVÃO DE SOUZA.  
JOSÉ D'ASSUMPCÃO.  
DR. LUIZ AMERICO.  
ABRAHÃO HEBRE.  
PADRE JOÃO.  
D. AMELIA DE CASTRO  
MARIA.

### DRAMA

SIMEÃO.  
DR. CHRISTOVÃO.  
JOSÉ D'ASSUMPCÃO.  
DR. LUIZ.  
ABRAHÃO, o commendador.  
PADRE JOÃO.  
MORGADO.  
MARGARIDA.  
BARONEZA.  
MARQUEZA, velha.  
COMPARSAS ETC.

A ação passa-se no Rio de Janeiro.

### ACTUALIDADE

O 1.º acto, a bordo de um navio mercante.

# PROLOGO

Sala rica

## SCENA I

D. AMELIA e logo depois SIMEÃO

SIMEÃO (*com uma carta*). — Uma carta para a Senhora.

D. AMELIA (*toma a carta*). — Sem carimbo. Esta carta não veio pelo correio?

SIMEÃO. — Não senhora; foi um pagem de libró que a trouxe e espera pela resposta.

D. AMELIA. — (*tê a carta; d'pois escreve em um cartão de visita*). É a resposta. (*dá o cartão a Simeão, que sahe*).

## SCENA II

D. AMELIA

Abraão Hebra pede concessão para me apresentar um cavalheiro (*leu to*) a Sr. Dr. Christovão de Souza, moço bastante delicado e instruido e diz elle. N'ca ouvi este nome. (*pequena pausa*) Pensei que seriam informações a respeito de minha filha mandada. Como está sendo demorado o desfecho della! O Dr. Luiz Américo, meu procurador, tem-se descuidado desse negocio. Foi um desacerto... Illudida pela fama e reputação de que goza o Dr. Luiz, de homem probo e honrado, e atendendo á grande amizade que lhe tributava o meu finado marido, confiei a elle a gerencia dos negocios de minha casa; illudida,

digo, porque a pratica tem-me ensinado que certos escrupulos de consciencia não assentam bem n'um bom procurador. A's vezes é preciso que a todo o custo se obtenha o fim não se olhando aos meios. O meu actual procurador assim não pensa. E' necessario dar-lhe demissão. Ah! ia-me esquecendo. (toca a campainha).

## SCENA III

D. AMELIA e SIMEÃO

SIMEÃO.—A Senhora chamou?

D. AMELIA.— Diz á Maria que chegue cá. (Simeão sahe).

## SCENA IV

D. AMELIA

Vou-lhe informar da vi ita. E' verdade... Simeão disse-me que fóra portador da carta de Abrahão um pagem de libré. O velho usurario não possui escravos, momentaneamente fardados... E' certo de seu amigo; logo... deve ser rico; solteiro e moço, talvez... Ora, Maria está em idade de casar-se... Tomarei informações a respeito.

## SCENA V

D. AMELIA e MARIA

MARIA.—Quer Mãe?

D. AMELIA.— Comunicar-te que d'aqui ha pouco temos de receber o Sr. Abrahão Hebra que vem nos visitar.

MARIA — Q em? Aquelle judeu usurario?

D. AMELIA.— Esse mesm, só com a differença de que a sociedade faz uma transposição da palavra onzenheiro pela de capitalista!

MARIA. — E que tenho eu com a visita desse velho ?

D. AMELIA (dá-lhe uma carta). — Lê....

MARIA (depois de percorrel-a com os olhos). — É um amigo seu que vem nos apresentar : « Sr. Dr. Chistovão de Souza » : quem é esse homem mamãe ?

D. AMELIA. — Sei tanto como tu. Com tudo, creio que é moço e .. advinho que deseja te fazer a corte.

MARIA. — Ora, essa! Quem sabe se será algum velho ?

D. AMELIA. — Não creio. A fama de que és a legítima herdeira de boa somma, não servirá para attrahir velhos, que as meninas de hoje appetitam, sem mais cerimonia, de... moços ; ah ! ah !

MARIA. — É verdade, mamãe, tenho minha ogerisa com certos velhos mettidos á facetas, e mesmo namoradores.

D. AMELIA. — Ora diga-me : ainda gostas do José ?

MARIA. — Isso se pergunta ? Não é só gostar, mamãe ; estimo-o como se pôde estimar na minha idade, com toda força do meu coração. E porque não ? Elle não é tão nosso amigo ? E... mamãe não me prometteu de nos fazer casar, logo que sua posição melhore !

D. AMELIA. — Sim ; porém, tem-se demorado em augmentar sua fortuna, e deve-se d'aquí inferir que, ou é perdulario, ou não tem bastante actividade !

MARIA. — Não lhe faça essa injustiça, mamãe ; se elle não está rico, bem rico, é porque de certo não sabe roubar...

D. AMELIA. — Cala-te, menina. A tua linguagem toca ás vezes a indiscricção. É preciso que sejas mais sisuda, e não te constituas inconvenientemente defensora de qualquer *quidam*.

MARIA. — *Quidam* ! Pois não é elle o escolhido do meu coração ?

## SCENA VI

OS MESMOS e SIMÃO

SIMEÃO. — Os Srs. Abrahão Hebra e Dr. Christovão de Souza.

D. AMELIA. — Que entrem (à Maria que quer retirar-se). Fiquem. (Atar a senta se contrariada, Simeão sahe).

## SCENA VII

D. AMELIA, MARIA, ABRAHÃO e DR. CHRISTOVÃO

ABRAHÃO. — Tomo em consideração a subida honra que V. Ex. me acaba de dar, consentindo que lhe apresente um dos meus melhores amigos, o Sr. Dr. Christovão de Souza.

D. AMELIA (apertando-lhes as mãos). — Não menos honrosa me é a visita de V. S. e do Sr. Dr. Christovão de Souza, a quem tenho a honra e prazer de conhecer e apresentar minha filha Maria de Castro.

DR. CHRISTOVÃO. — Dou parabens á minha sorte em proporcionar-me hoje occasião de conhecer pessoalmente a VV. EExas., que de ha muito não me são totalmente estranhas.

D. AMELIA. — Tenham a bondade de sentar-se (sentam-se). O Sr. Dr. Christovão de Souza já nos conhecia por tradição?

DR. CHRISTOVÃO. — Sim, minha Senhora. Estivo algum tempo de passeio no Paraguay, onde fui testemunha ocular de alguns brilhantes feitos d'armas de nosso exercito. Lá conheci um jovem: Adolpho Ribeiro...

D. AMELIA. — Adolpho Ribeiro!

DR. CHRISTOVÃO. — Sim. Um singular acaso trouxe

um dia esse moço á minha residencia; dias depois, oramos amigos velhos.

D. AMELIA. — Adolpho era parento de meu finado marido.

DR. CHRISTOVÃO — Elle n'ó disse. Foi um heróe, minha senhora, succumbiu coroado de glorias.

D. AMELIA. — Pobre rapaz.

ABRAHÃO. — Ora, para que elle foi se metter lá no açougue do Lopez? E' verdade que hejo em dia tudo é negocio...

D. AMELIA. — Tinha um genio afrebulado; não haviam supplicas que o deovessem de seus intentos.

ABRAHÃO. — Genio? isso lá elle tinha!

DR. CHRISTOVÃO. — Desculpem-me, minhas Senhoras, si para provar-lhes o conhecimento que tinha de VV. EEx. lhes trouxe á lembrança um passado que as entristece.

ABRAHÃO. — E' verdade: a Exma. Sra. D. Mariasinha está tão tristezinha...

MARIA. — E' meu natural, Sr. Abrahão.

ABRAHÃO. — Sim senhora!

DR. CHRISTOVÃO. — V. Ex. está empenhada em uma demanda com os parentes de seu marido?

D. AMELIA. — Sim, senhor; litigamos ha annos.

ABRAHÃO. — E' um litigio forte! E' um negocio...

DR. CHRISTOVÃO. — E tem esperanças de vér em breve o seu desfecho?

D. AMELIA. — Nenhuma. O meu procurador tem sido bastante descansado...

ABRAHÃO. — Como de facto, o Sr. Dr. Luiz... não sei que lhe diga... E isso é mau. Um bom procurador faz uma boa demanda.



DR. CHRISTOVÃO — Assim o creio. Porém não está nas mãos de V. Ex. remediar ainda essa falta?

D. AMELIA. — Pretendia a esse respeito conversar com o Sr. Abrabão; porém, em reserva. E para que reser-a? O Sr. Christovão não é amigo particular do Sr. Abrabão, e hoje também desta casa? Falamos com franqueza. — Sr. Abrabão, não me convém mais que o Dr. Luiz Americo continue como meu procurador. Quero confiar a direcção de meus negocios á V. S.

ABRAHÃO. — Oh! minha senhora; é muita honra e mesmo bom negocio; mas os meus affazeres, sim, os meus negocios...

D. AMELIA. — Não o privam de me fazer esse favor. V. S. será bem gratoisendo.

ABRAHÃO. — Ora, quanto á isso, é negocio em que não haverá dvida; porém só accitarei o honroso titulo Christovão, distincto advogado que aqui vem fixar sua residencia, prometter me auxilia nesse negocio...  
~~residencia, prometter me auxilia nesse negocio.~~

D. AMELIA. — Pois bem, o Sr. Dr. Christovão será o seu procurador (para o Dr. Christovão). Acceita?

DR. CHRISTOVÃO. — Logo á primeira vista uma prova de tamanha confiança! Acceito com reconhecimento, minha Senhora.

D. AMELIA. — Obrigada. Hoje mesmo, d'aqui ha pouco, ser-lhes-ha entregue a minha procuração. Vou mandar chamar o Dr. Luiz.

ABRAHÃO (levanta-se). — Dá nos licença?

D. AMELIA. — Como? pois já querem retirar-se?

DR. CHRISTOVÃO. — Vamos ainda fazer uma visita, minha Senhora (levantam-se todos).

ABRAHÃO. — Sim, Excellentissimo, outros negocios...

D. AMELIA. — Como quizerem; não se furtando,

porém, de dar-nos o prazer de apparecerem amiaudadas vezes.

DR. CHRISTOVÃO. — Hoje mesmo, Sra. D. Amelia.

ABRAHÃO e DR. CHRISTOVÃO. — A's ordens de VV. Exs. (*vão a sair*).

D. AMELIA. — Antes de partir, diga-me Sr. Abrahão: foi embolsado da importancia das joias que ultimamente mandei vir da Europa por intermedio do V. S?

ABRAHÃO. — Com pontualidade. Si o procurador de V. Ex. f sse apressado para receber como o é para pagar, estaria V. Ex. bem servida em seus negocios. A's ordens. (*s. hindo com o Dr. Christovão.*) Peguram as bichas.....

## SCENA VIII

D. AMELIA e MARIA

D. AMELIA. — E' uma verdade; o Sr. Dr. Luiz é um não procurador.

MARIA. — Mas, mamãe, elle é tão bom, todos o chamam homem de bem!

D. AMELIA. — E' mais uma má recommendação.

MARIA. — Como? Pois não é tão bonito termos a testa de nossos pleitos, honras taes?

D. AMELIA. — Tu não me podes comprehender, Maria. E nem deves te ingerir nessas cousas.

MARIA. — Eu só fallo em favor do Sr. Dr. Luiz, porque é elle muito nosso amigo. E faço o quê?

D. AMELIA. — Não é só d'elle que te arvoraste em defensora.

MARIA. — Pois de quem mais? Ah! de José, meu noivo?

D. AMELIA. — Teu noivo! Sabes tu quem o seja? E' preciso attender-me, Maria. E' a esposa do fidalgo bri-

gadeiro Castro, que aconselha a sua filha. Escuta : a menina sabe que a arvore da nossa familia possui ramos de nobresa, e que nós, linda que seja a emanda seremos bem ricos ; sabô mais que José d'Assumpção é... um filho sem pae ! e...

MARIA. — É que tem is o se elle é honrado ?

D. AMELIA. — É pouco.

MARIA — Pouco, mamão ? Um dote sublime que a nobresa nem o dinheiro podem comprar ? É pouco se se honrado ? E vivermos no século XIX !

D. AMELIA. — Cale-se. Não devia ter e consentido que esse m go frequentasse minha casa. Ao Sr. Dr. Luiz Ameri o o devo; a esse homem, tão z loso de su dignidade e que alardea tanto su honradez, como querendo abundizar a impureza de seu sangue! José, não tem um unico precedente que o abone : pobre, sem nome conhecido, nem protecção, o obscuro filho da plebe só sabe pregar a igualdade! É sempre a carta de recommendação d'esses entes, que collocados no sôpe do império social, gritam — igualdade! — que são lhes dará ascenção ! Ah ! Ah ! ( *i-o de mosi* ) Antigamente, a honra era companheira inseparavel do berço, hoje... malbarateam-n'a muito ! O meu novo procurador, porém, apesar de o chamarem judeu usurario, será mais fidalgo n'esse ponto. O Sr. Dr. Christovão de Souza está em outras condições : forniado, rico e em extremo delicado... quem sabe as vistas que tem, fazendo e apresentar em min a casa. Talvez, Maria, o Sr. Dr. Christovã / aspire a posse da tua mão.

MARIA (*aprr ssudamente*). — Mas mamão não consentirá !

D. AMELIA. — É porque ?

MARIA (*confusa*). — Porque Ym. prometteu-me...

D. AMELIA. — Os tempos mudam-se, e como elles nós também. (*sahô*).

## SCENA IX

MARIA

MARIA (*triste*). — O tempo mudou-se... E por que não mudará Deus a sorte de José, tornando-o muito rico, ou por que não me fará pobre! Assim se iam iguais pe nade os homens como o somos perante Deus, e então gosaríamos da felicidade! Ao contrario é perder a esperança de ser sua esposa.... Mas não, minha mãe é boa; ella contentará.

## SCENA X

MARIA, DR. LUIZ e JOSÉ

DR. LUIZ e JOSÉ (*comprimentando*). — D. Maria....

MARIA (*o abraço*). — Sr. Dr. Luiz; Sr. José....

DR. LUIZ. — A meama só e pensativa? Alguma coisa a encommoda?

MARIA (*isposta*). — Não, senhor. Estava decorando as ultimas quadras do recitativo que o Sr. José me offereceu no dia de meus annos.

JOSÉ. — Oh! minha senhora, não pensei que eu pregasse tão mal o seu tempo....

DR. LUIZ. — O meu amigo não falla de coração, D. Maria. E' o melhor tempo aquelle em que passamos embri gados nas illusões da vida. E' doce e a abraça de uossos amores.... e José paga com us ra essa ilicida de gratidão; o pobre rapaz só vive para si, D. Maria.

JOSÉ. — Doutor?

DR. LUIZ. — Para que essa dissimulação? Há segredos em amores que o coração da my her não comprehenda? Julgas que ella ignora a existencia do teu amor? Estão na idade de ouro, meus amigos d'elles, aprovei-te-a'na que dura pouco. O sorriso dos amores raz sempre após de si uma lagrima! Esse mundo é todo

alternativo ou periódico, no lazer do medico; o dia subsequente ao da felicidade é sempre infeliz! Porém... estu-nos massando como um importuno. Onde está D. Anelia? Lá dentro, por certo; vou procurá-la. Fi, nem... meus memorados (*sabe*).

## SCENA XI

MARIA e JOSÉ

MARIA (*depois de si' encio*). — O Dr. Luiz é muito seu amigo, Sr. José?

JOSÉ. — E' Sra. D. Maria. Na minha posição é facil conhecer-se os verdadeiros amigos; e olho d'elle sobejas provas. Na posição, porém, de V. Ex....

MARIA. — Ora! Faz-me um favor?

JOSÉ. — Si puder...

MARIA. — Pôde. Não me trate de Excellencia. Chame-me Maria, sim?

JOSÉ. — Não pôde ser. Primeiro porque a mãe de Vossa... da Sra. D. Maria nao levaria isto a bem; segundo, porque a sociedade a que pertence não o aporva.

MARIA. — A sociedade! Deve ser herrenda: essa mãe que ali conta a desigualdade entre seus filhos. Pois bem. Já que a sociedade assim quer, seja; porém, trata-me ao menos por tu quando estivermos sós; longe d'essa sociedade a que pertenco, é verdade, porque o acaso me embalou em um berço matizado de ouro, mas que aburreço. Aburreço o incenso univo das grandezas humanas que alli, em thuribulo dourado espalha o fumo que corrumpo e estraga até a alma. Ah! meu amigo, poupe-me ao menos quando estivermos sós esse tratamento a que estou o demada nos saões.

JOSÉ. — Sob condição...

MARIA. — De que?

JOSÉ. — De haver reciprocidade da parte de Vossa ... da tua parte.

MARIA. — Está feito. (*apertam-se as mãos*).

JOSÉ. — Não sei o que ia dizendo?

MARIA. — Qualquer coisa. Diga-me porque não procura obter um emprego que te seja de mais vantagem do que o commercio?

JOSÉ. — Empregos vantajosos só são dados em nosso paiz a *filhos*, isto é, a *quellas* que tem protecção, embora sejam ineptos para desempenharem. O homem pobre como eu, que quer viver honradamente e á custa de seu trabalho, só merece dos *padroeiros* a desdem e aborrecimento. Nesta cidade, Maria, já tenho lutado bastante com a adversidade. Sem um unico parente no mundo, visto que minha mãe, que era enfeitada, morreu quando eu apenas tinha oito annos, tive por protector um pobre mestre de meci os que, com o me quinto ordenado que lhe dava a mãe patria, educou-me como pôde até aos meus treze annos, epueha em que fallecera. Fui então recebido, por esmola, em um collegio; allí estudei até aos dezaseis annos, d'onde sahi para empregar-me no commercio. Hoje sou socio de uma boa casa, mas não quero roubar, e por isso pouco ganho. Eu tenho coragem, Maria! Hoje tenho ambições tambem, e é só por ti. Quero ser rico para possuir-te. Desejava com pi-star uma corôa de rainha para depôl a a te os pés, porque amo-te... muito!

MARIA. — José!

JOSÉ (*e m. tran.orte*). — Amo-te muito, Maria; porém, não sei porque, a mão do destino me tem pesado, e um braço de ferro constantemente procura me arrancar de junto a ti!

MARIA. — Não! Não te separe de mim, José! Oremos; e minhas preces d'envolta com as tuas subirão aos céos nas azas dos anjos. A pureza de nosso amor e a nossa constancia chamarão em nossa defeza o

braço de Deus, que tem mais fortaleza do que esse que te pesa!

JOSÉ. — Maria! Eu tenho coragem para arrostar tudo por ti! Encararei im savião a tempestade que rugge ao longe, até que chegue, para lutarmos braço a braço. De pequeno insecto, me transformarei em leão, para fazer frente e atacar a esse tigre da Hircânia sedento de sangue! E no calor da luta, tendo a tua imagem copiada no meu labaro e a constância por escudo, a face de Deus que nos nutre, como o leão enhei de vencer!

MARIA. — Sim! Concorrei para a rog' negação social. Que a sociedade faça namir do seu se u tantos prejuizos que Deus condemna! E á face d'esse mesmo Deus que nos nutre, eu vos juro, José, que teu, só nente teu, é de ha nouto este coração! Este madathá, *(mostra um madathá que he jtu)* este presente de meu pai que era tão bom para todos seja o sello de nosso amor! E quando o pó postifero das salões, ou te me prembra, não envo'var n'um vel'n-juro e privar-m' de tua vista pensa em mim! Quando do alto do teu palacio te atremsarem uma pedra, apunh-a em meu nome para depois e broa-la!

JOSÉ *(d' joelhos)*. — Maria! E's um anjo!

MARIA. — E tu?

JOSÉ. — Eu!... a maldade dos homens ia-me tornando um sceptico!

MARIA. — Oh! por Deus, abjure essa seita!

JOSÉ. — Agora já tenho crengas, Maria! *(aparte)* Será isto a felicidade, meu Deus!

## SCENA XII

### OS MESMOS e SIMEÃO

SIMEÃO. — Menina, a senhora não vem.

MARIA. — Eu me retiro, José; porém, volto já.

JOSÉ — E porque se retira?

MARIA (*confusa*). — Desculpe-me... Maná incumbiu-me de uma coisa, e eu esqueci-me... Volto já (*sabe*).

## SCENA XIII

JOSÉ e SIMEÃO

SIMEÃO. — Não pude ir hoje à lição, meu mestre; houve funcionaria da fidalguia, que prolongou-se até mais de meia noite.

JOSÉ. — Sempre que possas, meu amigo, deves procurar a instrução. A escola do povo está sempre aberta para todos (*Simeão sahe*).

## SCENA XIV

JOSÉ, DR. LUIZ e D. AMELIA

D. AMELIA. — Sim, Doutor, a feapueza em todo o caso.

DR. LUIZ. — Pois então digo: minha opinião é que V. Ex. aceite a convicção amigav l que lhe propõem. os he deiros de seu flado marido.

D. AMELIA. — Isso nunca!

JOSÉ (*comprimeta*). — Minha senhora...

D. AMELIA (*reparando*). — (O Sr. José estava aqui, e só?

JOSÉ. — Sim, senhora; vim em companhia do meu amigo Doutor

DR. LUIZ (*ont quando*). — E porque não aceita V. Ex. a proposta que lhe fazem?

D. AMELIA. — Porque conto vencer a demanda. Não tem ainda empehei-me com algumas influencias da côrte; tenho altos personagens por mim, e... os meus adversarios ninguém têm por si!

Simeão  
entra

↑



DR. LUIZ — V. Ex. engana-se. Prometti franqueza, e por isso sou forçado a dizer: os seus contendores têm a seu favor a legitimidade da causa; e se bem que V. Ex. conte com o apoio d'essa chusma de fidalgos influentes, observe também, que a justiça em nosso paiz não está ainda entregue á vanidade; se ha juizes que têm polluidas as togas pela iniquidade das sentenças que ha preferi-las, também ha ainda magistrados que sabem distribuir justiça. Per isso usando ainda da lingua em de amigo, tento a dizer: duvido que seja victoriosa a causa de V. Ex.

D. AMELIA. — São opiniões. O meu novo procurador pensa de outra maneira, e eu tenho-lhe muita fé...

DR. LUIZ (*resolvido*). — Então persuado-se V. Ex. que a victoria da causa dependia do melhor procurador? Que podia mais eu fazer depois dos autos estarem debaixo do punho dos julgadores? A linguagem de V. Ex. é um ultrage á justiça e uma offensa á minha pessoa.

D. AMELIA. — Não ha tal, Sr. Doutor...

DR. LUIZ (*com dignidade*). — V. Ex. deve estar lembrada que recusou por diversas vezes aceitar o cargo de procurador dos negocios de sua casa, porque presentia alguma injustica furtiva, e só consenti em aceitar-lo, quando a Sra. D. Amelia me fallou nos laços de amizade que me prendiam a seu fido marido, e que deviam me prender á familia.

D. AMELIA. — Desculpe-me Sr. Dr. Luiz Americo; não tive em mente offendê-la...

DR. LUIZ. — Está desculpada, minha senhora. O guilho-me, porém, em declarar que servi esse espinhoso cargo com abnegação e desinteresse...

D. AMELIA. — Como?

DR. LUIZ. — V. Ex. nada me deve.

D. AMELIA. — Senhor Luiz!

DR. LUIZ. — Um dos menores criados de V. Ex. (*curra-á; tomá o chapéo e sahe*).

## SCENA XV

D. AMELIA e JOSÉ

D. AMELIA (*olhando a toda parte a sabida do Doutor*)! — E não é offensa a uma pessoa de minha jerarchia esse arrebatamento, Sr. Dr. Luiz?! (*para José*) O annual de civilidade deya ter seu curso nas academias do Imperio, Sr. José d'Assumpção!

JOSÉ (*tímoroso*). — O meu amigo é em extremo melindroso e zeloso de sua honra, minha senhora...

D. AMELIA. Seria melhor que o Sr. José d'Assumpção, um dos professores da escola do povo, fosse dar algumas lições de cortezia a seu amigo (*tira-lhe as costas e sahe*).

*José, Myrta  
da escola  
do povo*

JOSÉ. — Ainda uma offensa!

## SCENA XVI

JOSÉ e DR. CHRISTOVÃO

DR. CHRISTOVÃO (*virando*). — Até que afinal encontro alguém (*para José*)! Onde está a Senhora?

JOSÉ. — A Sra. D. Amelia?

DR. CHRISTOVÃO. — Sim.

JOSÉ. — Está no interior.

DR. CHRISTOVÃO. — E a menina?

JOSÉ. — Quem? Maria? A Sra. D. Maria... deve estar junto à sua mãe.

DR. CHRISTOVÃO. — Vá chama-la (*senta-se*).

JOSÉ. — Eu, Senhor?!

DR. CHRISTOVÃO. — Sim, não és criado da casa?

JOSÉ. — Não.

DR. CHRISTOVÃO. — E's de certo dependente della.

JOSÉ. — Também não.

DR. CHRISTOVÃO. — Quem és tu?

JOSÉ. — Chamo-me José.

DR. CHRISTOVÃO. — É um nome próprio muito usual: pouco adiantei. José, de que te chamas?

JOSÉ. — Antes de responder, permita-me que faça uma pequena observação: os meus maiores, Senhor, ensinaram-me que dêsse a todos o tratamento de Senhoria.

DR. CHRISTOVÃO. — Mesmo à quem não a tem? Eram bem prodígos os teus maiores, e a prodigalidade no século XIX é um crime, Sr. José?...

JOSÉ. — José d'Assumpção.

DR. CHRISTOVÃO. — Sr. Assumpção (*curva-se*). Saiba você... quero dizer... Vossa Senhoria, que sou o Senhor Christovão de Souza, um dos procuradores dos negócios da Exma. Sua. D. A. elia de Castro. Desculpe-me; é também uma pequena observação.

JOSÉ (*a parte*). — Um dos procuradores!... O meu coração adinha: este homem é meu rival.

DR. CHRISTOVÃO (*a parte*). — Olhem a cara d'elle! Antipathisou-se de certo comigo (*illo*). O Sr. Assumpção não tem mais nada a me observar?

JOSÉ. — Nada. V's ordens de V. S.

DR. CHRISTOVÃO. — Pois já? Passar bem. (*José sahe*). Não lhe agradou a conversa. É de certo algum aventureiro que aqui anda ao rheiro do dote da minha! Eu me desarticarei d'elle (*notando em uma carteira*) « José d'Assumpção ». Apesar de ter boa reminiscência, tenho-me embaraçado em tantos negócios que...

## SCENA XVIII

DR. CHRISTOVÃO e SIMÃO

SIMÃO. — A Senhora manda dizer que espera V. S. na sala de jantar.

DU. CRISTOVÃO. — Sim. O negro vai dizer ao meu moçoque, bulcão lá em baixo, que volte ás quatro horas (*Simeão vai sahindo*). Para. Dize-me: és escravo da casa?

SIM.ÃO — Sim, Senhor.

DU. CRISTOVÃO. — Sabes a qual destes pretendentes á mão de tua senhora moça ella dá preferencia?

SIMEÃO. — Nada sei a tal respeito, meu sen' or. E não é de admirar esta minha ignorancia, porque sou escravo.

DU. CRISTOVÃO (*riado*). — Ah! Ah! Ah! Que refinado tratamento é este negro. (*sahete*).

## SCENA XIX

SIMEÃO

Negro! E' o nome favorito que me dão os senhores brancos! Captivo! O ferrete ignominioso que a ambição de meus irmãos me fez impôr na frente! Infeliz sou eu! Infelizes são todos os escravos!

## SCENA XX

SIMEÃO e MARIA

MARIA (*agitada*). — Simeão dá-me conselhos... Mãe quer me fazer casar com esse homem amigo do judeu. Minha oração repugna-o; ella me ordena! Qu' farei, Simeão? E's meu irmão caçaco, és mais amigo que escravo, és intelligente e discipulo de José... diz... diz: devo desobedecer mamãe.

SIMEÃO. — Nunca! E' o conselho q' e lho pôde dar um escravo, minha senhora moça. Deus castigou a desobediencia de nossos pais, e uma filha nunca deve desobedecer sua mãe, embora com isso cave sua ruina....

trava

Negro  
↑Simeão,  
"irmão  
amigo

## SCENA XXI

OS MESMOS e D. AMELIA

D. AMELIA (*p. ra Maria, eprehens'ca*). — Deixem-me pa'a vir aqui tomar lições de moral com o Sr. Simeão? para Simeão, ordenado Vá para a cozinha rapaz *(Simeão sahe)*. ←

## SCENA XXII

D. AMELIA, MARIA e depois JOSÉ

D. AMELIA. — Aproprie-se, Sra. D. Maria de Castro. Eu mando que se dispenha para receber o Sr. Christovão de Souza, seu futuro esposo.

MARIA (*em d'la*). — Mãe!

D. AMELIA. — Tenho dito. O José d'Assunção não nos aborrecerá mais. Pecca a esta ranga de o ver.

MARIA. — Porqu'?

D. AMELIA. — Porque si aqui vier, fa-lo hei enxotar por meus escravo...

JOSÉ (*em tem corub., ao fundo*). — Não será preciso, Sra. D. Amelia de Castro *(sahe)*.

MARIA (*offic'ca*). — Ah! minha mãe!

D. AMELIA. — Ah! temos espões? Darei minhas ordens a respeito. Sra. D. Maria, o Sr. Dr. Christovão já dev-te concluido a escripturação que o prendia lá dentro. Receba o seu futuro esposo com a dignidade propria de uma moça nobre *(sahe)*.

## SCENA XXIII

MARIA e depois DR. CHRISTOVÃO

MARIA. — Meu Deus! Como sou infeliz! Tantas esperanças perdidas... José! Oh! minha mãe, que

ingrãtilão! — E devo obedecer-vos... e casar me com um homem que só conheço de honra em?

DR. CHRISTOVÃO (*entrando*). — Não vos assusteis por esse lado, menina: a Sra. D. Amelia já informou-se a meu respeito, e Adolpho informou-se a respeito de V. Ex. Tenho a honreza de perguntar-lhe e diabo, e qua to basta saber... é a carta de recommendação do seculo!

MARIA. — Ah! Sr. Dr. Christovão! De que servem essas *hobrezas*, si a felicidade nos logo? Oh!... de joelhos peço que retire o pedido que fez de minha mão (*ajuda a-se*).

DR. CHRISTOVÃO (*levantando-a*). — E' isso instante difficil, D. Maria-inha; porque além do grande amor que lhe consagro, acrece ainda que a mãe de V. Ex. é quem mais se interessa pela realisação do nosso hymeneu.

MARIA. — E V. S. conta que sejam felizes?

DR. CHRISTOVÃO. — E porque não?

MARIA (*confusa*). — Porque... devo dizel-o... eu não o digo.

DR. CHRISTOVÃO. — Amar-me-ha mais tarde. Isso é questão de tempo. Está então resolvila a receber-me por esposo?

MARIA. — Eu obedeco a minha mãe, porque o pec ado da desobediencia, Deus não perdoá.

DR. CHRISTOVÃO. — Permitti que dando o nome de espo a vos estreito em meus bracos... (*vae para ella*).

MARIA (*fugindo*). — Não! Não! Deixe-me!

DR. CHRISTOVÃO (*seguido-a*). — Attendei, formosa esquiva. (*abrça-a*) Minha esposa!

MARIA. — Ah!...

## SCENA XXIV

OS DITOS, JOSÉ e depois D. AMELIA, SIMEÃO,  
DR. LUIZ e CRIADOS

JOSÉ (que ouviu as ultimas palavras, com fôrça). —  
Maria!... Maria!... (Entra ad e, e trepando ar-  
rasta um punhal que traz a occulta, e com elle em  
pouco arança para o lado em que estão Christovão e  
Martha, que elle ados fuges para a direita d. scena;  
já bem perto d'elles, atira o punhal no chão e de uma  
prolongada gargalhada) Ah! ah! ah! ah! ah! ah!  
ah!... (Está louco. Maria cahi desfallada n'uma  
cadeira; José fica ap. olhando para a mão a fôrça de  
D. Amelia, e diz :) Maria! (Bate o relógio 6 horas).

D. CHRISTOVÃO (vendo entrar D. Amelia e outros).  
— Assassino! atrevido!

D. AMELIA. — Que é isto?

SIMEÃO (com dor). — É a sua obra, minha senhora....  
É a ingratitude abraçada com a ambição, apontando  
para o pobre nino.

D. AMELIA. — Escravo!

SIMEÃO (currendo-se). — Perdão. Tinha-me esque-  
cido de minha triste condição, minha senhora.

JOSÉ (dá outra gargalhada). — Ah! ah! ah! ah!

D. AMELIA. — Que quer fazer tudo isto? Por que não  
exotam este homem d'aqui?

DR. LUIZ. — Podre moço; está louco.

D. AMELIA. — Tanto peor; vou mandar conduzi-lo  
para o hospicio (vai a sair).

DR. LUIZ (deitando-a). — Não, minha senhora. Si as  
esperanças dos orgulhosos acabam quando lhes bate á  
porta o infortunio, si na classe nobre de V. Ex. a  
amizade só pôde conviver com a felicidade; si lipal-

mente ha almas tão orrompidas que nem sequer sentem o remorso dos males a que deitam causa, mesmo em face de seus effeitos; ha ainda quem ó dá aprego á virtude, embora a encontre na ultima cama da social. Os meus amigos do hont ni, minha senhora, são os mesmos de hoje, e praza ao céos que sejam ampla os de amanhã!

D. AMELIA. — Infortunios! Sr. Dr. Christovão na qualidade de meu genro, assisti-lhe o direito de, de termo a estas scenas ridiculas.

DR. CHRISTOVÃO. — Não ó só um direito, é dever meu enx tar d'esta casa estes tratant s.

DR. LEIZ (*judi aud', para d'e*) — Insolente! Nem mais uma palavra.

DR. CHRISTOVÃO. — Eu estou na minha casa.

DR. LEIZ. — A minha dignidade não esca he lugar para repellir um insulto.

DR. CHRISTOVÃO (*para a campainha. Aos criados*). — Levem d'aqui este louco ..

DR. LEIZ (*trancando o braço com Jos'*). — Este mingo é meu amigo. Ai d'aquelle que he tocar (*os criados retiram-se*).

D. AMELIA (*pantando para a porta*). — Saiam, senhores... Saiam...

## SCENA XXV

OS MESMOS e ABRAHÃO

ABRAHÃO (*vestido rito, entra e m na mão aprt na mão. Principia a fulta d'atro*). — Deixem me passar. Tenho pressa... com mil bombas... Tudo é negocio....

DR. CHRISTOVÃO. — O Sr. Abrahão!

ABRAHÃO. Elle mesmo que aqui vem, como bom procurador dar nelle as.



D. AMELIA. — A minha demanda? ...

ABRAHÃO (*dá-lhe signal do p. rdid.*). — Foi-se, minha senhora... Foi-se...

D. AMELIA (*assustada*). — Ah!

ABRAHÃO. — Espere um pouco, não desmaie ainda. A Relação d'ordem que até a da restituição que tem a senhora de fazer dos bens, ainda tem de pagar danos e destruição dos mesmos nos herdeiros de seu finado marido... Eu bem trabalhei...

D. AMELIA. — Ainda mais essa!

ABRAHÃO. — E mais outra; escute: (*mostra o papel que trouxe*). Isto é a conta do meu serviço como promotor; é uma bagatella de 4:55 (g) 00. Ha de me desculpar; mas tudo é negocio... e com i não houve tracto...

D. AMELIA. — Ah! (*desmaiou*).

JOSE (*gargal ad.*). — Ah! ah! ah! ah!

DR. LUIZ. — Deus é justo.

ABRAHÃO. — Si é justicia ou injustiça eu não sei, o que sei é que tudo é negocio...

DR. CHRISTOVÃO (*a parte*). — Vou me pôr ao fresco. A noiva e o noivo, a meu a seu dote... que vejam outro: (*vai a sair*).

DR. LUIZ. — Onde vai, Sr. Cavalheiro? Pois deixa sua noiva e sogra em circumstancias taes?

DR. CHRISTOVÃO. — Por em quanto ainda sou zolheiro (*sai*).

## SCENA XXVI

### OS DITOS, menos DR. CHRISTOVÃO

ABRAHÃO. — Vai de certo á cata d'um padre... Vamos juntos.

DR. LUIZ. — Bons amigos *exquiza os doentes e faz-lhes aspirar qualquer cousa*).

ABRAHÃO. — u cá nunca disse que era amigo... Ora, tudo é negocio!..

DR. LUIZ. — E' um desmaio... Dêem-lhes umas gottas deste liquido em um cá, que tornará a si *(dá um o drincho a Simeão)* Nem mais em instante nesta casa! Si corresse perigo de vida, os resentimentos do profano seriam suffocados pelo dever do sacerdote de Esc. lapio. Calar-se-hia o offendido an ò a autori ade do medico *(sah e m / sé)*.

ABRAHÃO. — Eu cá nunca tive geito para enfermeiro... Ora... tudo é negocio.. lá se aventam *(s he)*.

## SCENA XXVII

SIMEÃO, D. AMELIA, MARIA e depois PADRE JOÃO

SIMEÃO — E' um bom espelho o te mundo, porém poucos aproveitam. *(vendo o Padre)*. Que tres ac ntecimentos, Sr. Padre João! Ei-las ainda sem sentidos...

PADRE JOÃO. — Não te assustes hom servo. O olho da Providencia a não dorme. Leve-as para dentro

SIMEÃO. — Ajude-me. Sr. Padre *(levam-nos)*.

## SCENA XXVIII

Ô PADRE JOÃO e depois SIMEÃO

PADRE JOÃO. Começa a obra da dest nição. Pobre gente: nos arroubos de sua opulencia, no rogu o de tantas grandezas, esqueceram se até da santa maldição de Deus! E ella hoje vem lhes bater à porta. Grandes da terra: eis os destrógos de tuas pompas. *(a Simeão qu entra)* Simeão, vai chamar um medico... o Dr. Luiz.

SIMEÃO. — O Sr. Dr. Luiz não viria, Reverendíssimo.

PADRE JOÃO. — E porque?

SIMEÃO. — Elle já aqui esteve; não julgou as doentes em perigo de vida; além desso foi maltratado por minha senhora, e despedio-se da casa.

PADRE JOÃO. — Então esperemos que voltem a si (entra).

### SCENA XXIX

SIMEÃO

Ingrátos brancos, que só lempes nos lábios a palavra escarnecida e desprezo para o negro, como se tivesse havido dous paiz Adão; como se o teu e o meu sangue não fossem iguaes! E foi um branco que praticou este a ~~to~~ <sup>to</sup> negro como a cêrca da minha pelle! (p'ouso). Mea filha, senhor, para que me ma-  
dusta dar educação? Desvendae-me os olhos afim de que não arripie sempre que ouço a palavra — escrava! Liberdade, luz dia na, sômbro dourado do captivo, filha dilecta do Altissimo, quem me dera alcançar-te!...

### SCENA XXX

SIMEÃO e DR. CHRISTOVÃO

DR. CHRISTOVÃO (que entrou sem ser visto, e ca-lhe ao hombro). — Eu.

SIMEÃO. — Oh! Sr. Dr. Christovão, como entrou?...

DR. CHRISTOVÃO. — Queres então a liberdade?

SIMEÃO. — Oh! meu senhor!...

DR. CHRISTOVÃO. — Não da acanhamento, rapaz. Queres a liberdade, porém, com uma condição.

SIMEÃO.—Qual é?

DR. CHRISTOVÃO.—Me facilitarés a entrada no aposento de D. Maria...

SIMEÃO.—Pois que duvida ha nisso? V. S. vem visita-la? Eu chamo a criada.

DR. CHRISTOVÃO.—Não. Eu quero lá entrar sem que ninguém veja, sem que ella mesma o sinta.

SIMEÃO.—Para que? V. S. ponderou sobre a negra ingratição que estava commettendo, e, arrependido, vem exercer as funcções de bom amigo; entre meu senhor...

DR. CHRISTOVÃO (*tira a carta do bolso e mostra-a pelo braço*).—Escuta meu rapaz. Amanhã parto para uma longa viagem... e vinha dizer a Maria o meu adeus. E amanhã mesmo arranjar-te hei a carta de liberdade, entendes?

SIMEÃO.—Ainda não entendi. Parte amanhã cedo, por isso vem a estas horas despedir-se?

DR. CHRISTOVÃO.—Sim. Quero dar-lhe... o meu ardente beijo de adeus...

SIMEÃO.—Ah! agora entendi-o, Sr. Dr. Christovão de Souza. V. S. veio a esta casa ver se arranjava fortuna pelo casamento, empregando para isso todos os meios a sua alcance. Perdidas as esperanças, pôz-se a fazer esta familia pobre, desprezou-a. Dado, porém, de uma alma nimiamente *caridosa*, aqui volta novamente tocando para essa mesma a esmola da beneficencia. Ah! ah! Entrae, Sr. Dr. Christovão; lá está o ponto de sua morte, ouvindo os conselhos do palácio d'um sacerdote virtuoso. Entrae; não vos detenha a dor cruciante da mulher vaidosa no principio da queda de sua decadencia, nem a pureza dees e innocencia que sofre os castigos d'um castigo alheio. Entrae e diga-lhe a virgínia grinchada, mesmex em face do Apóstolo da Religião; tiree-lhe as o unco hem que lhe resta, e aqui está o negro de braços cruzados sem vos poder

emperecer o passo, porque é escravo; não tem direito de agir.

DR. CHRISTOVÃO (*confuso*). — Simeão, deixa-me... contói contói ..

SIMEÃO. — Pois saiba que não consentirei.

DR. CHRISTOVÃO. — É a liberdade.

SIMEÃO. — Deve amargar muito, comprada por tal preço.

DR. CHRISTOVÃO. — Então queres ficar escravo para sempre? sujeito ao azarragar d'um feitor?

SIMEÃO. — Prefiro vêr as tuas carnes retalhadas pelo latégo, do que commetter tão dura ingratidão.

DR. CHRISTOVÃO (*combateido*). — Não creio em gratidão de negros captivos.

SIMEÃO. — Quando elles têm educação, só differença-se d'os brancos na cor da pelle.

DR. CHRISTOVÃO. — Assim seas: consente ou não que eu cuido?

SIMEÃO. — Não, senhor.

DR. CHRISTOVÃO. — Pois hei de entrar (*ad um passo*).

SIMEÃO (*dependendo*). — Não entra, senhor!

DR. CHRISTOVÃO. — Retra-se, negro! Temo minha honra. (*Christovão avança e Simeão defende a entrada*).

SIMEÃO. — Não te temo: homem, embora escravo, quando no seu posto de homem, porque, si na terra lhe forem injurados, Deus he a tua justiça. E si a justiça dos homens não lhe dá o poder de repellir um mal pela força, a sua consciéncia lhe impõe a obrigação de assim proceder! Bem sei que estou sujeito á colera d'um feitor terrível; mas tenho coragem bastante para dizer-lhe: não vou ad um passo!

DR. CHRISTOVÃO (*com urta*). — Atrevido! Hei de

entrar ainda que para isso seja preciso pisar teu calaver *(pucha um revolver)*.

SIMEÃO. — Perca-se o negro, mas salve-se a honra dos brancos: *(segura o revolver, que pôde lançar uma bala para o tecto, e apunha-a o Dr. Christovão)*.

DR. CHRISTOVÃO. — Ah! *(olhe)*.

SIMEÃO *(apontando-o)*. — Merre, miseravel! Assassino da razão, ladrão da honra!

## SCENA XXXI

SIMEÃO, D. ANELIA, MARIA, PADRE JOÃO  
e DR. CHRISTOVÃO estendido no chão

D. ANELIA *(assustada)*. — Que é isto, Simeão!

SIMEÃO *(glorioso)*. — Matei-o!

PADRE JOÃO *(triste)*. — Miseravel!

D. ANELIA. — Porque mataste-o!

SIMEÃO. — Porque vinha deslucrar minha senhora meca.

MARIA *(corre para junto de D. Anelia, tomando-lhe as mãos)*. — Meu Deus!

PADRE JOÃO. — Sangue! ainda sangue para maiores remorsos... infelizes!

SIMEÃO *(inda com a fita tinta de sangue)*. — Padre, estou horroscisado com aquelle sangue... *(ajoelha-se)* Perdão!

PADRE JOÃO *(com indignação)*. — E posso eu perdoar-te! Cair: o sangue de teu irmão pede vingança!

SIMEÃO *(com desespero)*. — Ah! quem me perdoará!

PADRE JOÃO *(cercado, aponta para cima)*. — Só Deus, me o filho.

SIMEÃO *(prostrado, atira para longe a fita)*. — Deus, arto quem prostra-se o meca homicida, não o abandoneis! *(sobe correndo)*.

ap. 2.ª - 8

na ver-  
dade, não, crime  
se se m. 1.º ato  
p. 39-40

# ACTO I

A bordo do vapor *Santa Maria*

[6 anos depois]

## SCENA I

DR. LUZ, MORGADO e CHRISTOVÃO

Choravam vent d'ous, formando um grupo á direita do actor. José d'Assumpção abanda luzido, á esquerda, calça brava, cabelo em um bucho e está pallido, olhar era desvairado, era fixo em um ponto qualquer. Dr. Christovão está abanda, calça cinza, botas pretas. Há em se eno alguns livros e uma mesquinha.

MORGADO (continuando). — E depois?

DR. LUZ. — Depois o judeu Abraham, que n.e substituiu no lugar de procurar por de D. Amélia do Castro, vendo-a quasi acunhada com o accordo ou sentença de re'agão, tratou de sequestrar-lhe os bens; não restava mais do que outros debitas quarenta mil, e de resto se lamboreo da quantia de 400000, honorarias que esse elle ha poremtoem como previdencia da casa.

MORGADO. — Que historia. ←

DR. LUZ. — Como ta é conhecida ainda hoje. Porém, D. Amélia não pôde soffrer os horrores da miseria que lhe batia á porta, e orgulhosa até a sua última hora não queria receber alguns favores que lhe traziam, porque, dizia ella, não era mesquinha para receber esmolas! Viven si en mezo á custa do trabalho do pobre Maria, que sustinava elle o resto. Finalmente, des'presada de tudo os seus parentes o retirada a um canto do mundo, lá ecco aquella victima do orgulho e vaidade nas braços de sua virtuosa mãe, seu unico amparo. Era sublime e pôdo vêr-se aquella mãe, que era em luxuosa sociedade, cercada pelas turba-

Hões de jovens thuriferarios de sua opulenta nobreza, Jerardiola então d'estas grandêzas, empregando a cada passo, em seu misero albergio a palavra resignação... aquella soberba mãe, coisadora de sua mesmra ruina. Quo penas não lhe custaria essa me longa de situação. Sea rosto sempre sereno e tisonho, porém, com aquelles risos qu' melhor traduzem a dor calpa, profunda e resignada, mortia es sofrimentos de sua atma. Aquelle anjo coroado do martyrio nãe pôe vencer na lucta travada com o infeluzio; succumbiu afinal. Mez e meio depois do fallecimento de sua mãe estava declarada ótica no terceiro grau. Eu a vi n'esse estado ableroso: assistia-lhe a cabeceira do leito o victimoso Pedro João. Pedia-me ella algumas vezes em lhe levasse José, o qual desde o dia em que perdêra e juizo ficara morando comigo, onde era tratado como um membro da família. Eu a satisfazia, mas com custo, porque cada visita de José era um martyrio para aquella infeliz... e para mim tambem. Ella pegava-lhe na mão e pranteava todo o tempo de sua estada. A sua maior pena era, dizia, ter elle perdido o juizo por sua causa.

MORGADO. — E elle... o que fazia elle?

DR. LUIZ. — O pobre louco era insensível a tudo...

DR. CHRISTOVÃO (*interrompendo*). — Querem servir-se de charutos? (*acellam ou não*) Desculpa-me Sr. Doutor interrompe-lo; mas não posso dispensar uma fumaça de havana depois da café. Não de dir-me licença *alvora*:— Não posso fazer o ch'yo sentido: difficullaria a digestão (*aparte*) A minha commoção pôde trahir-me.

MORGADO. — Pois não quer ouvir esta historia tão singular? O Estevão?

DR. CHRISTOVÃO. — Não. Sou nervoso e... es a historia... commove. Ah! ah! (*seri* - e).

MORGADO. — Aposta em como faz-lhe mal só em ouvir o nome daquelle luctião de Christovão!



DR. CHRISTOVÃO (a parte).—Ladrão! (alto). Sim; ambirei com esse cavalleiro (desce a scena o 1.º e parte) A minha obra ainda não está concluida. Avante Christovão de Souza! (sillo).

## SCENA II

OS MESMOS menos DR. CHRISTOVÃO

DR. LUIZ.—Quem é este moço. Sr. Morgado?

MORGADO.—Chama-se D. Estevão Blas, é hespanhol. Adquiriu fortuna no Brazil, onde morou muitos annos; regressou agora d'um passeio que fizera a Portugal. É moço rico e bastante intelligente. Continue, porém, Sr. Doutor, a sua narração. Maria, que foi feito d'ella? morr eu de certo, pobre meca?

DR. LUIZ (continando).—Setenta e cinco dias depois do fallecimento de D. Amelia, eu, José e mais dous christãos, acompanhados do virtuoso Padre João, conduziam para o cemiterio publico um esquife! N'elle ia inanime o corpo de Maria! Era ainda n'esse estado um anjo! Foi e-terrada, como sua mãe, na valla dos pobres! Ah! meu amigo, no momento de dar-se á sepultura a pobre Maria, meus olhos des. celeram duas lagrimas! Eu, que sou medico; eu, que tenho visto as scenas mais tristes da vida; eu, que acostumei-me a encarar com a mesma plácidez de espirito, o afflicto se estarcendo em suas dôres, o moribundo debatendo-se nas agónias da morte certa, o pobre morrendo de fome, o rico ostentando grandezas e luxo; eu, que já me suppunha um homem de gelo.— chorei ao vêr aquella scena... ao recordar-me do passado!

MORGADO.—E José o que fazia?

DR. LUIZ.—Insensivel a tudo, só sabia obedecer-me. Fi-lo por muitas vezes ajoelhar-se junto á sepultura de Maria, e por elle eu rogava a Deus pelo eterno descanso della!

JOSÉ. — Maria.

DR. LUIZ. — É a única palavra que pronuncia, fóra do estado delirante:

MORGADO. — Elle então delira?

DR. LUIZ. — Todos os dias, ás seis horas da tarde, tem um accesso. Foi essa a hora em que perdeu o juizo! Ha mais de seis annos, ainda não sahou um só dia

MORGADO — E vós que tanto vos interessaes por elle, sendo medico tão afamado, não podestes ministrar-lhe um remedio que lho restituísse a razão?

DR. LUIZ — Ha mais de seis annos que v'iva lutando! Tenho empregado todos os meios a meu alcance, para isso, sem o menor resultado! A sciencia e arte esgotaram seus recursos! Fui amigo deste infeliz, e ainda o sou; por elle farei tudo. O ultimo recurso era este: uma viagem maritima. Ha dous mezes que levei-o a Portugal, e agora regressámos para o Brazil, neste vapor *Santa Maria*. Abandonei tudo: o lar domestico onde tenho a familia, os amigos, a clinica e a pobreza, enfim, que coroavam de bençãos o meu óbolo. Tudo deixei por este infeliz... e elle não tem obtido melhoras! Qualquer outro já teria desesperado; mas eu tenho muita fé!

JOSÉ. — Maria! Ah! ah! ah! ah! (*gurga'hada*).

MORGADO. — Pobre moço, que padecer! (*pausa*)  
E que foi feito do tal Dr. Christovão de Souza?

### SCENA III

OS MESMOS e DR. CRISTOVÃO ao fundo

DR. LUIZ. — Christovão de Souza...

DR. CRISTOVÃO (*a parte*). — Estarei descoberto? (*escuta*).

seus annos  
depois de  
muito tempo

+ de 6 annos

voltando de  
Antigua

DR. LUIZ (c. *tinuando*) — ... Esse miseravel, restabelecido dos incommodos que soffreu com a punhalada que levou, desappareceu tava gonhado de seu procedimento e temendo talvez que a justiça descobrisse alguns de seus crimes, Nunca mais ouviu-se fallar a seu respeito.

M. CAMISTOVÃO (a parte). — Eu vos contarei o segredo de meu intrigante, Sr. medire, porém cuidado, que os meus segredos são como certos venenos que corô m os casos em que se depositam! (sabe).

## SCENA IV

### OS BRITOS e depois SIMEÃO

MORGADO. — De certo seguiu a sorte de Judas. — E o negro Simeão?

DR. LUIZ. — Simeão partiu para nunca mais voltar. Consi-me que algum tempo depois de sua fuga marchou para o Paraguay como voluntario da Patria, e que no theatro da guerra morto se distinguim pela sua coragem e valor. Foi verdadeire amigo de seus brancos, e eu desejava encontra-lo em ibia para estreita-lo em meus braços.

MORGADO. — Então não livrou-se do crime?

DR. LUIZ. — A justiça, mal informada a principio, pesquisou seu frégãos o criminoso foragido; mas depois de esclárecida pelo padre João e outras testemunhas, parece que acabou por sympathizar com a causa do arrependido.

MORGADO (cend. Simeão que entra). — Ah! ah! vem o Sr. contra-mestre (indo a. v. outro). Seja bem vindo.

SIMEÃO (descendo). — Um servo de VV. SS.

MORGADO (apresentando-o). — Sr. Dr. Luiz Americo,

apresento á V. S. o Sr. contra-mestre, um dos meus melhores amigos.

DR. LUIZ. — Tenho prazer em conhecer a senhora...  
SIMEÃO. — Cain.

DR. LUIZ. — Sr. Cain de...

SIMEÃO. — Cain só Acha singular Sr. Dr. Luiz? É um nome de christão!

DR. LUIZ. — Logo, um outro de baptismo, e esse é?...

SIMEÃO. — É um segredo.

DR. LUIZ. — Pois bem. Respeito o vosso segredo. Ia, porém, dizendo que tenho prazer em conhecer V. S. a quem t da tripulação meo canga de fallar bem.

SIMEÃO. — Vós é que sois o bom, Sr. Doutor. E si me julgaes digno de vossa amizade, estou certo que não se desprezará em dar um fraternal applexo no homem da cor... em o negro Cain! (*abragam-se*). Que este abraço seja o sella d'uma amizade sincera, cujo nó, Deus e sómente Deus possa desatar.

DR. LUIZ. — Assim esp'ro. Quem me dêra tambem poder estreitar em meus braços um homem que, como vós tambem é negro e virtuoso.

SIMEÃO. — E porque não o faz?

DR. LUIZ. — Porque elle se fez proscripto, porque abnegou o favor da justiça que na justificabilidade de um crime encontra ás vezes um acto de heroismo!

SIMEÃO. — A justiça dos homens é inverosimel e torna-se impotente sem a sancção de Deus! Advinho que V. S. falla do escravo Simeão, que ha seis annos, mais ou menos, no Brazil tentou assassinar ao Dr. Christovão de Souza? Um criminoso tão negro como eu e elle semos. Oh! não fallemos nisso! Esse negro é um miseravel.

DR. LUIZ. — Sr. contra-mestre, mudemos de as-

sumpto. Vós estaes ma' informado a respeito de Simeão, e eu não posso ouvir uma tal linguagem sem irritar-me! (*ao Morgado*). Vamos dar um passeio Sr. Morgado, vamos contemplar a magostade do oceano.

MORGADO. — Haeis de contar a historia desse nobre si-reão ao Sr. contra-mestre, e depois, eu vó-lo asseguro que elle pensará diversamente. Passemos pelo meu camarote, Sr. Doutor, quero apresentar á V. S., minha Margarida.

DR. LEIZ. — José? (*José vem para elle*).

SIMEÃO (*deteudo-o*). — Deix-o sem susto, Sr. Doutor, eu o vigiarei. Sou amigo dos infelizes! (*Morgado e o Dr. Luiz sahem*).

## SCENA V

SIMEÃO e JOSÉ

SIMEÃO. — E não hei de ser amigo dos infelizes... eu que sou o maior de todos! Negro! Escravo! Assassino! (*cobre o rosto com as mãos*). E mais que tudo sustentando a mascara da hypocrisia! Porque não me atiro aos bancos dos criminosos, gritando á justiça — Eu sou o escravo assassino! Levae-me ao patibulo a vêr si coim o meu sangue comprou o socego de minha alma! Ah! remorso... ha seis annos que me persegues dia e noite! Nas mattas virgens, onde, para escapar dos harpões da justiça dos homens, convivi com os animaos ferozes; no santuario de Deus, onde eu scismava em os mysterios de uma religião sublime; no confissionario, onde choro de contricção me prostrava ante o mesmo Deus, atim de ouvir os conselhos d'um ministro de Seu Filho, que na arvore da redempção perdeu a seus algozes; no exercito, no campo, no combate, onde atirava-me com sanha no meio de inimigos sanguinarios; envolvido no pó da lucta; abraçado com a bandeira trium-

→ air

na que

phante; coroado com os louros da victoria... sempre o remorso!

JOSÉ (depois de pausa).—Maria! Ah! ah! ah! ah!  
(*garalhada*).

SIMEÃO (para José).—E não sou só eu que soffro. Meu mestre! aquelle que não desprezava o negro quando lhe ia pedir o pão do espirito! E' um louco, dizem os homens de hoje, porque perdeu a razão; é um louco diziam os da outra, porque soffria com a igualdade dos homens. Sublime loucura aquella. Sabio louco: Tu que no começo de teu vdo, desprendido com tanto custo, porque não te firmaste nem no berço, nem no ouro, foste baquear de encontro ao rochedo das vaidades humanas, tombando no lago do infortunio... recebe um abraço do infeliz que sendo negro tambem sabe ser amigo! (*abraça José*).

## SCENA VI

Os DITOS, MORGADO, DR. LUIZ e MARGARIDA

(Demora um ou outro tempo ao fundo, commovidos, contemplando o quadro).

DR. LUIZ.—Que é isto, Sr. contra-mestre?

SIMEÃO (*confuso*).—Nada!

DR. LUIZ.—Vós estaes bastante alterado?

SIMEÃO.—Foi... nada, repito!...

DR. LUIZ.—Porém...

SIMEÃO (*brava ao Doutor*).—E' ainda segredo, Sr. Doutor, segredo que eu hem quizera depositar em vosso coração generoso, sacratio santo da amizade; mas temo!... Essa mão honrada e limpa que ainda ha pouco me ostendastes se recusaria apertar as minhas, porque... se mancharia ao contacto dellas.

DR. LUIZ. — O tribunal de minha consciéncia não é tão incoravel como V. S. o julga, Sr. contra-mestre. E ainda que sejas um verdadeiro criminoso, ainda que o teu supposto achasse enovelado em sangue, a lingua era se assemelha a do arrependido, e o arrependimento é o baptismo do culpado, a santa oração do moribundo, a redempção dos peccadores!

SIMEÃO. — Só tres palavras bastarão, Sr. Doutor (*pucca - a a tud e falla-lhe boiro*).

DR. LUIZ (*depo e de onculo*). — Oh!... (*coi de braços abertos para elle*).

SIMEÃO (*leva a mão á mão direita para suspender os pa'ceiros do Doutor*). — Perdão senhor... o supposto é meu (*gabe e leva-lhe*).

## SCENA VII

OS MESMOS, menos SIMEÃO e JOSÉ

MARGARIDA. — O que é, Sr. Doutor? O que curia que tanto o incomoda?

MORGADO (*coque chousivo*). — Isso é indifferença, Margarida!

DR. LUIZ (*risinho*). — Mais tarde, D. Margarida (*e mo para si*). Justiça de Deus? (*para o Morgado*) — Ah! Sr. Morgado, tanto visto cousas bem extraordinarias nesta vingar...

MARGARIDA. — Então acha muita similhaça dessa infeliz Maria, coonigo, Sr. Doutor?

DR. LUIZ. — Oh! muita!

MORGADO. — Pois é como já lhe disse: nunca tive sciencia certa dos proccutores da minha Margarida.

MARGARIDA. — Ella era boa, S. Doutor? Era amiga dos pobres?

DR. LUIZ. — Era uma perfeita irmã de caridade.

MORGADO. — Ah! nisso parecia-se contigo Margarida.

MARGARIDA. — Sim papai. Todas as maças para serem felizes devem ser amigas dos pobresinhos, nutricia-los e fazer-lhes bem. Ora, como é bom ouvir-se um — *Deus lhe pague*, quando lhes fazemos alguma esmola! Elles que pedem, coitadinhos, é porque precisam, não é assim Sr. Doutor?

DR. LEIZ. — É verdade.

MORGADO. — Esquece-vos de dizer-vos, Doutor, que dentro da carta que acompanhava Margarida, quando ha dezesseis annos n'a engeitaram, e janizinha de dias, tinha também um medalhão de ouro com um retrato, que cremos ser o de sua mãe.

MARGARIDA. — Como eu amo aquella reliquia, Sr. Doutor. Beijo-a todas as manhãs. Como é bonita minha mãe! e que vontade eu tenho de conhece-la!

DR. LEIZ. — Traz consigo essa medalha, D. Margarida? Quero vê-la.

MARGARIDA. — Deixei-a, Sr. Doutor. Ouça: eu estimo mais aquella medalha do que todos os bebezinhos que o papai me dá, e trago-a sempre comigo; e quando vou em que tenho de me embarcar de mar e para aca na fundo da caixinha de joias, do modo que a filha me fragio n'a recule.

MORGADO. — Ah! ah! Receto de criança...

MARGARIDA. — Oh! não ria-se papai. Eu tenho sentido muito com o mar; ainda esta noite sonhei que o navio em que me embarcavi cussobrecou n'a ple das ondas encapelladas, e que eu fui salva por um boi que me amara-me muito... Ah! isso não he de ser, porque aqui ninguem senta o papai no tempo de mar.

DR. LEIZ. *(à parte)* — Que ingenuidade, *talvez* Não deves e superstitiosa, e deveria trazer isso sempre consigo, porque talvez eu podesse conduzir por elle o seu

retrato na  
medalha  
mãe



original. Eu tenho também uma caixinha, que depozitei-me nas mãos, em seus últimos momentos, a pobre Maria, para ser entregue ao meu doente, quando lhe voltar a razão. É um depósito sagrado, que eu nunca deixo. *(mostra uma caixinha q. e tra. guardada)*.

MARGARIDA. — E o que tem dentro d'essa caixinha? Nunca a abriu?

DR. LUIZ. — Ella é para mim inestimavel, e guardo-a com a mais escrupuloso cuidado. Contém talvez alguma carta ou mesmamente retrato de Maria.

MARIANA. — Vamos ao meu camarote, Sr. Doutor; esquece-me d'êl e mostrara carta que encerra o meu delicto — a recomendação que trouxera a minha Margarida. *(para ella)* Vae lá procura-la entre os meus papéis *(soltava)*.

## SCENA VIII

DR. HISTORVÃO, preocupado

Este Dr. Luiz incommoda-me... a presença d'este lo-cu é-me insupportavel. Que má sorte a minha, viajar em um tempo avião com que vão estes homens... estes inimigos! Sempre e sempre em companhia de Morgado, sempre ao pé de Margarida. Preciso d'inhedro! Vou tentar novamente fortuna por esse lado... É um casamento em nomeada. O Morgado é rico: ella é sua única herdeira... sim... É preciso não-desanimar. Ou sorte, ou azar: eis o fim do jogo. É necessario actividade semie crime ainda para a conceção do bom resultado. Vou tentar de arrestar o Dr. Luiz, de Morgado, e sobre tudo de Margarida. Mas para que? Elle não me conhece debaixo d'êtas bellas posturas... é seisna minha. Em todo o caso... será bom deslizer-me delle. Porém de que modo? Pensa c'êsta noite. É mais um crime e a herdeira do Morgado será minha! Avante D. Estevão Blas... *(ouve-se manobra dentro. O vento sibila impetoso)*.

SIMEÃO (*dentro*). — Toca a amainar as vellas pequenas.

DE. CHRISTOVÃO. — Que é isto? Estaremos em perigo? É a voz do contra-mestre! Que negro fim! Tivemos hoje uma conversação aturada: desconfiamos um do outro. Si eu jogava-lhe uma cartada de hypocrisia, respondia-me elle com outra de dissimulação. Ah! ah! Terei tempo de estudá-lo. (*continua a manobra* — Cather os rizes baixas do vellacho).

## SCENA X

DR. CHRISTOVÃO e UM MARINHEIRO, que vao passando

DR. CHRISTOVÃO. — Ha alguma novidade? Que é isso lá, camarada?

MARINHEIRO. — Temes agnacciro, patrão. O céu está zarracenda. O vento tem a velocidade de quatorze toezas por segundo. E sibila nos cabos fixos com extrema violencia.

DR. CHRISTOVÃO. — Mau vae a cousa. Estamos muito longe de terra, camarada?

MARINHEIRO. — Oh! muito, patrão! Por cem mil calabretes! Aposto um boen gróg de pinga e toda a mascas de meu fumo em como não ha quem vença a nado a distancia que nos separa da terra (*sobe*).

DR. CHRISTOVÃO. — Na verdade o oceano é um tumulto soberbo e mesmo pratico. Como disse Patrid em 1631: — « O oceano é o unico tumulto digno de um admirante batavo »; fans. — estou agora tão iní-posto para a puaea! Morrer! É um verbo assaz estúpido e que só traz mystério! A palavra eternidade para quem não anda caado de ventas, como eu, é horripilante!... (*continua a manobra dentro e alguma confusão*: dobrar as amarras das lancheis e da mastreação; re-

lançar as talhas do lado do canhão; antesar os avens e as pateruzes; cerrar as escolilhas).

DR. CRISTOVÃO. Não qu'ro morrer no mar, a minha oba ainda não es á concluida... Ah! (*bate na testa*) N'esta confusão poderei sem que reparem lançar esse pouco a mar... mas não! O Dr. Luiz é quem o guia; basta que e le durma! Vou offere er-lhe um dos meus charutos (*vai a sair*).

## SCENA XI

### O MESMO E SIMEÃO

SIMEÃO (*deleud-o*). Onde vai Sr. D. Estevão?

DR. CRISTOVÃO. — Já prestu-vos meus serviços, Sr. capitão-mestre, já que o nesso vapor corre algum perigo.

SIMEÃO. — Antes de ac'itar o vasso fazer cargo-me. Não tenho esperanças que escaparemos d'esta, Sr. D. Estevão! (*mostrando*) Vêdes a curranra d' o céu? ouis a redobrar da violencia do vento? U bocam-do es mole; os enxarins e orem com um rufão agudo ma suas rugas gargantas; as velhas estrombam co'no poms d' m'ã'oria! A maruja já está prevenida para parar o assalto do furacão que não póla tardar a desembarcar-se. O nesso vapor não poderá resistir por muito tempo!

DR. CRISTOVÃO. — Que posso eu então fazer? Que exigis de mim?

SIMEÃO. — Nada podeis fazer, e eu mesmo n'estes poucos minutos de vida que talvez nos restem, exijo sobre vossa vida.

DR. CRISTOVÃO. — Quem sou? Pois duvidaes que eu seja um fidalgo hespanhol? Ora essa...

SIMEÃO. — Sim. Vós não saís D. Estevão Blás.

DR. CHRISTOVÃO. — Então quem sou eu ?

SIMEÃO. — Haverá de me o dizer quando não...

DR. CHRISTOVÃO. — Quando não ?...

SIMEÃO. — Práculer-vos-dei e mandarei examinar vossa bagagem.

DR. CHRISTOVÃO. — Que denúncias ha a meu respeito ?

SIMEÃO. — Nenhumas ; porém, o vosso resfolhamento nas envelopes e alguns objectos de disfarce que vi em vosso camarote...

DR. CHRISTOVÃO. — Pois, já que sois tão sinorio, eu confesso. Questões de familia obrigaram-me a tomar uma feição differente, porque como sou fidalgo de sangue...

SIMEÃO. — Fidalgo de sangue !

DR. CHRISTOVÃO. — Sim ! Depois vos contarei a minha historia, apesar de ser um segredo ! Por agora o tempo urge que ponhaes em pratica a vossa pericia nautica, bravo mareante.

SIMEÃO. — O velho capitão d'este vapor, apesar de doente, lá está no seu posto de honra dando ordens a marinhagem, e n'elle a tripulação deve ter tanta confiança ; é um veterano.

Vóz (dentro). — Carrega o traquete !

SIMEÃO. — Não nos impertemos com a barulheira que fôr soará. Diga-me, senhor, qual o objecto d'este ? Com que fim usaes d'esse disfarce ?

DR. CHRISTOVÃO. — Não podeis adiar esta viagem até para quando pisarmos em terra ?

SIMEÃO. — Não. Isso é um ardil ! Vaines : arca para a mascara ! Sabeis quanto pôde um capitão de mar no alto mar ?

DR. CHRISTOVÃO. — Sei ! E' um sultão : um senhor de barão e cutello, como tal vos obedeco. Ora bem. Como V. S. é homem tão extraordinario, a ponto de no mo-

mento em que devia estar resando o acto de contrição, porque contia certo com a visita da Sra. Morte, vir, por uma singular extravagancia que qualquer outro chamaria — capricho, devassar o meu incognito....

SIMEÃO (*interrompendo-o*).—É' dever meu, senhor.

DR. CHRISTOVÃO.— Ainda bem. Vou ajudar-vos a cumprir o vosso dever, usando de toda a franqueza para com V. S.; porém, me promettendo toda reserva, está sabido, principio por dizer-vos que sou filho de um fidalgo de Hespanha, nobre de sangue, e que não tenho tanta idade como pareço ... (*tira a barba postiga*) Olhe. Sou viuvo e....

SIMEÃO (*surpresa*).— Ah! (*a parte*) Isso ainda não morreu! (*alto*) Basta... basta, Sr. Dr. Christovão de Souza.

DR. CHRISTOVÃO (*assustado*).— Como é' pois vós me conheceis?

SIMEÃO.— Os remorsos ainda não vos alteraram bastante as feições, a ponto de eu vos desconhecer.

DR. CHRISTOVÃO.— Tem talvez alguma precatória contra mim, e mesmo que escape do naufragio tenho de me haver....

SIMEÃO.— Descance. A justiça tem por enquanto os olhos vendados para o Sr. Dr. Christovão de Souza. E eu mesmo, que sei alguma coisa a respeito d'elle, garantio a vossa segurança, Sr. D. Estevão Blas.

DR. CHRISTOVÃO.— Devo meus peccadinhos, é verdade, Sr. contra-mestre....

SIMEÃO.— E ousa confessar!

DR. CHRISTOVÃO.— Alto lá: eu nada confessei. Peccadores somos todos! Posso dizer-vos mais alguma coisa a meu respeito, porque sou cynico, e como sabe tudo o cynico é franco; porém, desejava primeiro saber com quem tenho a honra de tratar?

SIMEÃO.— Meu nome é um segredo.

DR. CHRISTOVÃO.—Fechou a porta á discussão.  
(*continua o rugir da tempestade. Manobra e confusão dentro; carrega o traquete; terra o velacho e a bujarrona.*)

DR. CHRISTOVÃO.—A tempestade vai engrossando. Estão-se realisando os vossos vaticínios. (*a parte*) Ou feitiçarias. (*alto*) Com licença. (*vai sahindo a parte*) O amigo Doutor deve estar saudoso por um bom charuto.... e não será desacertado que este mysterioso negro tambem fume um (*sabe*).

## SCENA XI

## SIMEÃO

SIMEÃO.—Estou alliviado de um enorme peso. Christovão de Souza, vivo! E ninguem m'o dizia? Ah! loba Deus, quanto vos agradeço! Já não me chamo Cain! (*manobra dentro; alar a vella de prôa.*)

## SCENA XII

SIMEÃO, DR. LUIZ, JOSÉ e depois DR. CHRISTOVÃO

DR. LUIZ (*a parte*).—Não tem duvida... São as iniciaes de D. Amelia de Castro... Está explicada aquella singular semelhança. E' ella irmã de Maria. (*alto*) A tripulação está toda desanimada, Sr. Contra-mestre. O nosso velho capitão é um bravo e os marinheiros são heróes. Lá estão elles lutando com as ondas; porém, sem esperanças. (*ouve-se o rugir da tempestade e o sibilar do vento; alguns marinheiros atravessam a scena em diversos sentidos.*)

JOSÉ.—Maria! Ah! ah! ah! (*gargalhada. Confusão dentro e ouve-se uma voz: Lançar ao mar o carregamento.*)

SIMEÃO.—E' um dos meios extremos. Apoz o carre-

Margaria  
irmã de  
Maria

gamento seguir-se-ha o trem dos passageiros e depois :  
—salve-se quem puder

DR. CHRISTOVÃO, (*entrando novamente de barbute postizas*) — Os passageiros estão todos consternados. As senhoras principalmente... É um quadro afflicto o de um navio prestes a esbochar ! Que confusão vai lá por dentro ! O velho capitão manda, os marinheiros obedecem ; as crianças gritam ; as senhoras choram os crentes resam o acto de contricção ; e os homens como nós, Sr. Doutor e Sr. Contra mestre, encaram impavidos esse quadro. Ah ! ah ! Haveis de querer fumar um charuto ? Uma boa fumaça nestas occasiões vale muito : disfarça os horrores da tormenta, e até parece que nos faz encarar a morte com mais coragem. Sr. Doutor... Sr. Contra-mestre... (*offerice-lhe s charutos que elles aceitam*) O seu doente também fuma, Sr. Doutor ? (*o Doutor diz-lhe que não e acende o charuto*). É legítimo filho de Havana, d'essa capital da illa de Cuba, onde dormem os restos do grande Colombo...

VOZ DENTRO. — O' lá Contra mestre.

SINEÃO (*deita cahir o charuto*). — Chamam-me (*sabê*).

VOZES DENTRO. — Gente ás bombas ! gente ás bombas !

### SCENA XIII

DR. LUIZ, JOSÉ e DR. CHRISTOVÃO

DR. CHRISTOVÃO (*a parte*). — Este negro é devoto de bom santo. (*alto*) Está tristonho, Sr. Doutor. Em que pensa ?

DR. LUIZ. — Penso n'essa innocente menina Margarida, que em caso de naufragio talvez não tenha quem a salve...

DR. CHRISTOVÃO. — Descance que a herdeira do Mor-

gado ha de achar seu salva-vida. Eu cá dou-me por satisfeito se puder livrar o numero um. O negocio vai se tornando cada vez mais serio. E' opinião do Piloto e Arraes que não ha braços capazes de vencer a distancia que nos separa de terra. E vosso doente, não temeis por elle ?

DR. LUIZ. -- Por elle e com elle encaro sem pavor os perigos. Sei nadar, e em meus braços o carregarei. Ou salvar-me com elle ou com elle morrer.

DR. CHRISTOVÃO. -- Muito bem, muito bem. (*a parte*) Não vos dê isso cuidado. D'entro d'um quarto d'hora estareis dormindo a sonno solto, até que um haque no fundo do oceano vos acorde na eternidade.

## SCENA XIV

## OS PRECEDENTES e MORGADO

DR. LUIZ (*para o Morgado*). -- Onde está vossa filha ?

MORGADO (*triste*). -- Cidadinha... Está resando. (*confusão dentro e voz*: Lançar ao mar o trem de passageiros).

DR. CHRISTOVÃO. -- Já estou começando a sentir uns calafrios... E esta ?...

DR. LUIZ. -- Sinto um grande pezo na cabeça.

DR. CHRISTOVÃO. -- Effeitos... da mareta talvez... Ah ! ah !

MORGADO. -- Meu Deus ! Em vossas mãos está a nossa sorte. Sêde misericordioso.

DR. CHRISTOVÃO (*a parte*). -- Nesta hora todos lembram-se de Deus ! Tambem eu estou bastante nervoso ! O diabo agora está me parecendo mais feio do que o pintam.



## SCENA XV

OS PRECEDENTES, MARGARIDA, SIMEÃO, alguns  
marinheiros e passageiros

Continua a confusão. Marinheiros cruzam a scena

MARGARIDA (*pallida*). — Meu pai abraçe-me! E' a realidade do meu sonho (*abraça o Morgado*).

MORGADO. — Tenha fé em Deus, filha!

SIMEÃO. — Não desesperem, meus amigos! O vapor ainda pôde resistir por alguns minutos, e talvez que a tormenta se aplaque. Coragem! Nas horas de provação, como esta, é que deveis mostrar grandeza de animo: E quando mesmo seja a propinquidade da hora derradeira, filhos d'uma religião sublime, deveis receber a santa unção do fé! Mas ainda há esperanças, porque o tiro do canhão não se fez ouvir... (*ouce-se a voz do Capitão, que diz: Passageiros recolham-se ao tombadilho. Piquem-se os mastros*).

SIMEÃO. — O velho capitão está prevenindo a visita d'alguma vaga no convés.

MARGARIDA. — Oh! minha mãe! Morrer tão moço e sem vos conhecer! sem vos poder beijar! sem ter recebido a vossa benção! (*corre a frente*).

DR. LITZ (*bairo*). — Do céu ella vos abençoará!...

MARGARIDA (*que ouve o Doutor*). — Morta tambem! Ah! meu pai!

MORGADO. — Que desespero é esse, Margarida! Tu não crês na bondade divina!

MARGARIDA. — Creio, meu pai.

MORGADO. — Não tens fé na Virgem Santissima!

MARGARIDA. — Tenho.

MORGADO. — Depositai nella a tua esperança, filha! (*pega na mão della*).

DR. LUIZ. — Oh! Sinto a cabeça estalar-me! minhas palpebras tornam-se pesadas... José!

JOSÉ. — Maria!

DR. LUIZ (*desanimado*). — Maria! Sempre Maria! (*pequena pausa*) Pobre amigo! Quando todos, à beira deste grande tumulto que se chama oceano, só esperam o pezado leuçol das ondas — frio sudario que nos tem de cobrir — arrependidos de nossos erros, supplicamos ao Deus Eterno; tu, indifferente aos horrores da morte que te cercã, só tens nos labios a palavra — Maria! Que esse nome seja uma prece á Santa Maria Virgem de Nazareth! Que ella seja a tua taboa de salvação nesta hora tremenda em que a tempestade rugo e o mar furioso levanta montanhas de ondas! (*ergueud o mão*) A beira do sepulchro, Maria Santissima, eu vo-lo entrego!... (*ouve-se um sibilo atroador. Muita confusão dentro. O mar não cessa de rugir. O vapor foge com violencia*).

SIMEÃO (*dirigiado-se para dentro*). — Ah! a machina! a machina!

VOZES (*dentro*). — Perdidos.

SIMEÃO (*dentro*). — Coragem!

VOZES (*dentro*). — Perdidos.

SIMEÃO (*dentro*). — Coragem! (*ouve-se um tiro de canhão. Tristeza geral. Alguns segundos de silencio*).

JOSÉ. — Ah! ah! ah! ah! (*gargalhada*).

MARGARIDA (*ajoelha-se no meio da scena e de mãos postas e olhos para o céu resa ou canta*) — « Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, peccadores, agora, na hora da nossa morte. »

TODOS (*em côro*). — Amen! (*ficam cabisbaixos resando, menos Christovão*).

DR. CRISTOVÃO. — Todos resam! Só eu... não sei resar! Nos primeiros dias de minha existencia perdi minha mãe, que, como todas as mães, me deveria ter

ensinado a primeira prece! Filho unico, fazi-m-me todas as vontades e eu enlurrava com a Igreja e aborrecia os padres. Desgraçado! Tenho sido um sceptico, e agora... já vou tendo remorsos!... Tenho medo da morte... Oh! não quero morrer! (*ouve-se segundo tiro de canhão*).

## SCENA XVI

OS DITOS, SIMEÃO, PASSAGEIROS, ETC.

SIMEÃO. — É o ultimo signal. Agora sim. Estão perdidas todas as esperanças. O vapor com o leme desgobernado dentro em breve será tragado pelas ondas ou despedaçado de encontro algum rochedo. Nesta altura e com este temporal nenhum soccorro temos a esperar de fóra! Camaradas: fé em Deus, e salve-se quem poder! (*confusão geral. Sahem gritando: A's pranchas... ás pranchas*).

JOSÉ. — Ah! ah! ah! ah!

## SCENA XVII

JOSÉ, DR. LUIZ e MARGARIDA que cabe desmaiada n'um banco ao fundo

DR. LUIZ. — Sinto-me fraco. A cabeça mal pôde supportar seu peso... Ah! José! Ah! meu infeliz amigo: Não tenho forças para te salvar... Que angustias sinto no coração ao dizer-te o adeus eterno. Vem. Recebe este talismam que Maria, me confiou em sua hora extrema. E' teu... debes traze-lo, ainda que seja só para morreres com elle. (*José chega-se, o Dr. tira do seio uma caixa e pendura-lhe'a ao pescoço*). Adeus... Que somno, que somno, meu Deus! !

JOSÉ. — Maria ! ! !

DR. LUIZ. — *—> im; chama por ella... porém... aquella Maria... (aponta para o cdo, alarmeço sentado e recostado a uma mesa).*

## SCENA XVIII

OS DITOS, DR. CHRISTOVÃO e depois SIMEÃO

DR. CHRISTOVÃO. — Não me persigas com tua foice, oh! morte! cruel! De todos os lados vejo-te me acenando. A cada passo diviso-te me apontando á eternidade. A cada fracasso de uma onda, ouço o verbo morrer! Ao sibilar do vento na cordagem, ao fuzil dos relampagos, ao bramir do trovão, morror! sempre morrer! *(mudando de tom)* Morrer. tu?! Não! Não quero. Sou moço. Tenho esp raças. Tenho ambições, e sobre tudo... tenho crimes. Sou impenitente... *(encontra José)*. Este louco aqui? Oh! que inferno. Vais morrer... *(agarrá-o)* Quero completar a obra. Tirei-to a razão, agora a vida! Ninguém nos ouve, ninguém nos vê. Ao mar! Ao mar, José d'Assumpção. *(puxa-o)* E as nuvens sejam o teu negro cortejo. E o trovão a descarga do teu funeral! Os relampagos as tochas que illuminem o teu ataúde! E o raio... *(cabe um raio em scena, Christovão horrorisado larga José e grita)* Ah! Quero salvar-me, quero salvar-me!

JOSÉ. — Ah! ah! ah! ah! ah! *(gargalhada)*.

SIMEÃO *(crusa os braços diante de Christovão. Com calma)*. — Queres-to salvar, Dr. Christovão de Souza?

DR. CHRISTOVÃO. *(espavorido)*. — Negro. Serás o demónio?

SIMEÃO *(placido)*. — Não sou o demónio; porém já fui o Caim da Escriptura, porque tentei contra a vida

de um meu semelhante. Pensei que a colera divina fosse como a justiça humana que começa, que perdôa, quando um negro se faz criminoso para salvar a honra do branco. Enganei-me! O homicídio, embora justificado pelos homens, é sempre um crime para com Deus. Só as aguas do verdalheiro arrependimento podem lavar no criminoso as noções da culpa. Dr. Christovão de Souza, eu que tanto vos conheço, podia n'este momento livrar a sociedade de um homem perigoso; porém Deus, não quer que façamos justiça por nossas mãos. No meu camarote ha um salva-vidas, vai busca-lo e salva-lo. (*Dr. Christovão vai a sair; Simeão segura-o!* Contempla primeiro este quadro. É' hem triste, não? São duas victimas. Aquella infeliz (*aponta José*) se delinhando ha mais de cinco annos nas agonias de uma morte moral, a ti deve esse lastimoso estado. (*aponta o doutor*) Este, encanecido na luta que travara com o infortunio, a ti tambem deve essa taça de acrimonia; esses trabalhos porque tem passado. (*aponta Margarida*) E esta representa aquella Maria que empunhava com resignação evangelica o calix d'amargura, e libava até ás suas fezes, aquella Maria que em troca de sua humidade quizeste com mãos sacrilegas rasgar-lhe a corôa de virgem. Eu então, Christovão de Souza, aqui estou para completar o quadro, não mais como o Caim da Escriptura; mas como o Simeão arrependido!

DR. CHRISTOVÃO (*livido*).—Simeão!

SIMEÃO.—Simeão, sim; o negro que te susteve o braço traizuro; o negro a quem offereceste a liberdade em troca... de um osculo do Judas, e que hoje t'a concede sem o resgaste de tão vil moeda; o negro que tem te apparecido sempre em occasiões perigosas; o negro, enfim, que te vêm fazer contemplar este tristissimo quadro symbolico da perversidade humana! Anjo mau; arrepende-te e retrocede o passo, se ainda é tempo! (*larga Christovão que sahe: Simeão sahe tambem*).

## SCENA XIX

JOSÉ, DR. LUIZ dormindo e MARGARIDA

JOSÉ (depois de silencio).—Maria! Maria! (curva a front).

MARGARIDA (sahindo de lethargo).—Maria! Oh! Éi um sonho.... Mas.... meu pae? Onde está meu pae? (vaz do fundo) Tudo é silencio.... Oh! Todos morreram, meu Deus?! (chora) Quem me salvará? O Doutor? (vai para elle) Morio tambem. Só um homem vive, e este é um louco! (chora).

JOSÉ.—Ah! ah! ah! ah! ah! (gargalhada).

MARGARIDA (afflicta).—Que situação é a minha. Minha mãe, lá d'essa mansão dos justos, onde habitaes, oru por vossa filla que vae morrer..... Morrer tão moça, meu Deus. (chora).

JOSÉ.—Ah! ah! ah! ah! ah! (gargalhada).

MARGARIDA.—Rogai, minha mãe, a Santissima Virgem Maria. (cabe de joelhos: ouve-se dar 6 horas em um relógio.)

JOSÉ (delirant.). Maria! Quem chama ali por Maria? Onde está Maria? (repara em Margarida) Ah! Ella!... (fic. algum tempo estatelado apontando para ella, todo tremulo).

MARGARIDA.—Tratai de salvar a vossa vida, senhor. O vapor não tarda a submergir-se. Eu.... (resignada) já me encomendei á Santa Virgem Maria.

JOSÉ.—Maria! Morrer, tu? Oh! não. Vem, Maria.... Eu te salvarei....

MARGARIDA.—Eu não sou Maria, senhor.

JOSÉ.—Oh! não queiras negar. E's Maria.... a minha Maria.

MARGARIDA.—Eu sou Margarida.

JOSÉ.—Maria.

MARGARIDA.—Margarida, senhor. Maria de Castro, essa virtuosa moça por quem perdeste a razão, já está no céu.

JOSÉ.—Morta? Maria, ah! *(chora)*.

MARGARIDA.—Chorai, que as lágrimas vos fazem bem. Derramai-as com abundância, ellas vos trazem a razão.

JOSÉ.—E para que quero eu a razão? Para ser infeliz? Para saber que Maria é morta? Oh! louco, louco, mil vezes a loucura *(chora)*.

MARGARIDA *(a parte)*.—Como elle a amava.

JOSÉ.—De que me serve a vida? Para padecer. Oh! este mar, que brame furioso, deve ser um leito de rosas para quem soffre como eu. Morrer na flor dos annos.... que importa? si na flor dos annos já tenho tragado até ás sezes da grande taça das amarguras.... Maria, tu que perjura te lançaste nos braços do falso amante, corda a tua obra me repeliindo do seio do Eterno. Ao mar! *(vae atirar-se ao mar, e subito para)* Esta caixinha. *(quebra a caixinha e tira um medalhão)* Esta medalha. Era d'ella. *(abre-a)* E' o seu retrato junto ao de sua mãe. Porém.... que tristeza é a sua? Oh! este sorriso angelico não póde sahir dos labios de uma criminosa....

MARGARIDA.—Não sêde injusto, senhor. Essa moça foi um anjo.... todos o affirmam; a sua ultima palavra foi o vosso nome, e essa reliquia é o unico legado de seu testamento. Vivei para abençoar a sua memoria. Vivei para que na terra haja quem vá destolhar uma saulade sobre sua campa. Vivei para regar com vossas lágrimas a relva que lhe cobrir a sepultura. Deixai tambem que eu lançe um ósculo sobre a imagem dessa martyr.... *(chega-se e no momento de beijar o retrato dá um grito)* Ah!

JOSÉ.—Quo é isso ? Que tem ?

MARGARIDA (*apontando para o retrato*).—Um d'esses retratos é de minha mãe !

JOSÉ.—Vossa mãe ?

MARGARIDA.—É igual ao retrato que me acompanhava quando me esgueirava. Oh ! minha mãe, minha mãe ! Morrer sem ao menos beijar a terra que pisaste ! ... (*chora*).

JOSÉ (*sacudindo*).—Margarida vem. Eu quero salvar-te. Quero salvar a imagem... a irmã de Maria. (*Tom-a nos braços e atira-se com ella ao mar : ouzesse o bramir das ondas, porém com menos fragor*).

## SCENA XX

O DR. LUIZ ainda no mesmo estado e SIMEÃO

SIMEÃO (*entra em desalinho*).—A tempestade acalmou-se ; mas o vapor está irremediavelmente perdido. A agua entra em borbotões pelas fendas... Não pude fazer pelo Morgado, que buscava com avidex uma tabua para salvar sua filha, quando uma onda o enguliu. Com algumas pranchas e remos pude formar uma jangada para salvar a estes... (*olhando*) Onde estão elles ? O Doutor ainda dormindo. José. Onde está José ? Margarida ? Onde estão ? (*triste*) Na eternidade, talvez. Porém ainda me resta este amigo... (*aprehe o coração*) Ainda vive... Salvo-mel-o. (*suspensa o Doutor nos braços*) Tenho fé em vós, oh ! bom Deus !



## ACTO II

Uma sala decorada em casa de Abrahão.

### SCENA I

ABRAHÃO só, lendo um jornal. — Tem uma commenda na sobrecasaca.

« Naufrágio. — A distancia de cem milhas de Cabo Fria naufragou, em 11 de Outubro passado, o vapor — *Santa Maria* — que vinha de Portugal com direcção ao nosso porto. Segundo nos informam, o naufrágio foi causado por uma horrivel tempestade que durou muitas horas. O vapor e toda sua equipagem perdeu-se, constando que apenas salvaram-se tres pessoas — o Dr. Luiz Americo, medico habilissimo e muito conhecido entre nós, um doutor por nome Christovão de Souza e uma outra pessoa que ignoramos quem seja. Entre os passageiros vinham o rico Morgado de Sobral e a joven Margarida, sua filha adoptiva. » — (falla) Ora... ora... tudo o negocio. Tento lido e relido esta noticia e ainda ensaio-me a erêr. Abençoado naufrágio... Eh! eh! Calculamos os lucros que d'elle nos provirá: O Morgado poz a render em meu banco, quando retirou-se para Portugal, a quantia de cincoenta contos de réis, isto a bom par de annos; vem agora de regresso para o Brazil e o vapor nauiraga, elle morre e com elle essas letras. Conclusão: ficará esse dinheiro e seu competente premio na bolsa do Comendador Abrahão que delle fará o uso que convier como seu dono que é. E' questão decidida. Ora... tudo o negocio. Segundo calculo: o Morgado, sem herdeiros forçados, fez legação de todos os seus haveres á engeitada Margarida; Margarida morre com elle no

mar, e segundo os letrados, a herança passará aos sobrinhos do Morgado... Ora... antes que a noticia se espalhasse, mandei comprar aos herdeiros a dita herança por uma bagatella, e como legitimo cessionario eston requerendo o levantamento do deposito. Conclusão: fica o mesmo Commendador Abrahamo senhor e possuidor de todo o morgadio. Bem, muito bem. O negocio venta-me direito, apesar da demora que tem havido da parte da senhora justiça em dar-me a posse d'esses bens. Eh! eh! Sou commendador, e tenho influencia... (*faz signal de dinheiro*) Ora... ora... tudo é negocio...

## SCENA II

O MESMO e DR. CHRISTOVÃO

DR. CHRISTOVÃO.— Sr. Abrahamo?

ABRAHÃO.— Oh! meu caro ressuscitado.

DR. CHRISTOVÃO.— Como de facto. Sou o Lazaro do seculo XIX. Porém, em lugar das apedrecidas cinzas de um sepulcho, surgi eu...

ABRAHÃO.— Das salgadas ondas. Eh! eh!

DR. CHRISTOVÃO.— E da aguçada dentuça do tabarão. Muito devo ao salva-vidas do negro contra-mestre.

ABRAHÃO.— Ainda uma vez dou os meus parabens ao nosso Lazaro.

DR. CHRISTOVÃO.— Eu ainda esta vez não aceito cognome algum dado pelo juden Abrahamo Hebri. Quero ser para elle o mesmo sub-procurador de D. Amelia de Castro, o mesmo Christovão de Souza.

ABRAHÃO.— E' preciso, Sr. Dr. Christovão, marchar de harmonia com o mundo; e elle substituiu o juden usurario pelo capitalista millionario Commendador Abrahamo, Bernardo de Campos David Eustachio Filisteu da Gama Hebri.

DR. CHRISTOVÃO.— Ah! ah! Já tenho visto em letras

redondas esse grande nome. Está digno de um Comendador e futuro Marquez, segunda diz a gazeta. Porém escusa de m'ò repetir porque em quanto não ficarmos quitos... só te chamarei Abrahão. Ora, deixemos este assumpto. Eis a copia que mandaste tirar, é o depoimento do medico, o qual posso a ler. (Lê) e O Dr. Luiz Americo, formado em medicina, etc. Declarou que na tarde do 11 de Outubro passado, estando em viagem de Portugal para esta corte, em o vapor—*Santo Maria*—na altura, mais ou menos, de Cabo Frio tornou se uma grossa tempestade ao Sul, que poucos minutos se demorou a cahir e fez naufragar o vapor. Declarou mais que entre outros passageiros vinham com elle illopoente—José d'Assumpção, completamente louco, o Morgado de Sobral e D. Margarida, sua filha adoptiva, os quaes indubitavelmente foram tragados pelas ondas, pois só lhe consta que se salvaram tres passageiros, a saber: Elle deponente, um por nome Dr. Christovão de Souza e um incognito, a quem deve a vida, e que ignora quem seja por ter ficado desde o começo da tempestade em estado de adormecimento, sem que saiba também da causa; mas presuñe que esse incognito não é nem o Morgado de Sobral, nem D. Margarida, sua pupilla.

ABRAHÃO.— Bem. Está conteste com o teu depoimento.

DR. CHRISTOVÃO.— Foi uma fortuna saber o Doutor que D. Estevão Blas é o mesmo Christovão de Souza.

ABRAHÃO.— Isso era o mesmo. Iria depois D. Estevão em vez do Dr. Christovão. Isso nunca me incommodou; o que me incommoda é o segredo d'esse tal savla-vidas...

DR. CHRISTOVÃO.— Talvez algum marinheiro que encontrou o Doutor dormindo, de resto no vapor. Conversarei com elle a tal respeito.

ABRAHÃO.— Como? Pois não teraes que elle saiba a causa de sua lethargia?

DR. CHRISTOVÃO. — Elle ignora a virtude dos meus charutos...

ABRAHÃO (*batendo-lhe no hombro*). — E's um refinado velhaco...

DR. CHRISTOVÃO. — Sou um homem providente. Procuro acreditar o meu mestre.

ABRAHÃO. — Quem?

DR. CHRISTOVÃO. — Tu... não tens uma arithmetica tua que ensina o calculo? Não tenho eu sido teu consocio na pratica dessas theorias?

ABRAHÃO. — Que não falham.

DR. CHRISTOVÃO. — Quo não têm fallhado até hoje, é melhor dizer assim. Quo certeza tens de vencer a questão, Morgado de Sobral, que tanto trabalho me deu em Portugal, onde fui comprar-te essas heranças?

ABRAHÃO. — Oh! muita. Hei de vence-la.

DR. CHRISTOVÃO. — Entretanto já podia estar ella decidida, e porque não o está? Parece-me que a justiça já te vai conhecendo.

ABRAHÃO. — E ella ignorava até agora com quem lidava? Tudo é negocio... Eh! eh! A justiça é cega, meu camarada. Eh! eh! Haja disposição e dinheiro! Os homens de ouro, os capitalistas como eu, podem fazer o que quizerem! O que para os outros é vicio, para nós é virtude. Não consente a sociedade que se lance em rosto de nós outros, homens de casaca, os epithetos de ladrão, criminoso e infame! Mas voltemos ao negocio. E' preciso que eu me entenda com o Dr. Luiz; vá chama-lo, pois todos sabem que elle era amigo do Morgado, e é muito conveniente te-lo a meu favor.

DR. CHRISTOVÃO. — Duvido que aquelle homem, inveterado aos principios de honradez e probidade te queira servir.

ABRABÃO. — Ora... tudo é n'gocio... (*Christevão sahe*).

### SCENA III

#### ABRABÃO e depois o PADRE JOÃO

ABRABÃO. — Já de pouco me serve este Dr. Christevão! Sim... sou commercialador e não me deyo entrar em pequenas ladrocinhas, para o que elle é grande. Tenho em meu poder documentos contra elle. Falaria ainda ir supportando-o si não me ajudasse como uma surra a pedir dinheiro, e ainda mais me aborrecendo com ajustes de contas... Nada (*tem nos papéis d'um gado*) Letras falsificadas, etc., etc. Vá tudo isto com vista ao Chefe de Policia. Na minha posição actual, só deyo ciliar á grandes lucros, e para isso não preciso do Dr. Christevão; conto com figuras mais importantes! O batalhão dos tratantes é grande! Eh! eh! Todos querem comer...

PADRE JOÃO (*fora*). — Deus esteja nesta casa.

ABRABÃO (*de dentro*). — Mãe, temos algum irmão peccado (*olho*) O dinheiro de esmolas já se acabou, irmão; volte d'aqui a alguns dias... mezes... Ora... isto é negocio! É uma chusma de descaradas valde... Já dei de esmolas hoje para mais de seiscentos...

PADRE JOÃO (*fora*). — Já licença a um filho de paz?

ABRABÃO. — Que tal o sujeito! Póde entrar Sr. Elle da paz (*tem olho para ser amado*) Esta falta de dinheiro é uma maçada. Estou com vintem. (*entra o padre João*) O Sr. Padre João.

PADRE JOÃO. — A benção de Senhor caíra esta moçada.

ABRABÃO (*gritando*). — Antes me colrisse de netas do Linceo, meu Padre. O que ó conduz a nossa casa?

PADRE JOÃO. — Os deveres do meu ministerio.

ABRAHÃO. — Mas não me consta que alguém aqui se queira confessar!

PADRE JOÃO. — E é só esse o dever que peza sobre os hombros d'um ministro da religião?

ABRAHÃO. — Pois que mais? Sim, além disso é só cogitar: dormir... Eh! eh!

PADRE JOÃO. — O Padre, meu irmão, é a luz dos olhos do peccador, o balsamo santífero do coração do afflicto; é um soldado de Christo que, abraçado á arvore da redempção, esse trophéo de sua victoria, vende a conquista das almas para o santo Empyreo e a felicidade de seus irmãos na terra. O Padre tem não só o dever de dar o pão do espirito ao ignorante, como tambem o pão do corpo ao indigente.

ABRAHÃO. — Sim, Reverendissimo, anda então pregando?...

PADRE JOÃO. — Eu vim falar ao homem rico de here, Sr. Abrahão, ao negociante de dinheiro.

ABRAHÃO. — Ah! vem lá certo pôr á render o fructo de algumas pecunias...

PADRE JOÃO. — Não, Senhor. Eu não venho vos dar dinheiro, ao contrario...

ABRAHÃO *de panto*. — Ah!

PADRE JOÃO. — Venho pedir vos, como por esmola, que accedais a uma jóia, que aqui trago, de penhor pelo empréstimo de alguns mil réis. É, meu irmão, para manter o nome de uma familia pobre, cujo cabeça está a despartir-se da vida. É a obra de misericórdia.

ABRAHÃO. — Eu já deixei esse ramo de negocio a outros, mais necessitados; meu Padre; hoje só me arrisco com grandes lucros...

PADRE JOÃO. — Mas é um infeliz que se debate na luta da agonia, que manda-vos implorar esse obulo de caridade para ao menos morrer tranquillo, vendo seus miseros fillinhos comendo um pedago de pão.

E' Jesus Christo que vos deu tanto dinheiro, meu irmão, e que por intermedio de um seu indigno ministro vem estender a mão, pedindo-vos uma esmola para a indigencia, a braços com a afflicção...

ABRAHÃO (*a parte*). — Ora, apesar de estar acostumado com estas *choramingueiras*, está me fazendo uma certa aquella... (*alto*). Ora, tudo é negocio. Só á vista da joia é que posso offerecer.

PADRE JOÃO. — E' esta medalha de ouro (*mostra o mesmo medalhão que figura no Prologo*). E' o ultimo recurso desses infelizes.

ABRAHÃO (*a parte*). — Si é o ultimo recurso, tenho de fazer o negocio pela certa. Que rico medalhão! (*examinando-o, alto*). O ouro é ruim... nunca ha de ter dezcoito quilates. Quasi nada vale, Sr. Padre, comtudo. para o fim que é, dou... umas dez patacas por elle. Olhe que é negocio.

PADRE JOÃO. — E' usura, Sr. Abrahão.

ABRAHÃO. — Não é, Sr. Padre, é negocio. Si não serve... (*a parte*). Deixemo-lo sahir até a porta.

PADRE JOÃO. — Não vos deveis aproveitar das occasões. Lembrai-vos que tendes alma!

ABRAHÃO. — Eu a tenho guardada dentro da burra... Eh! eh!

PADRE JOÃO. — Olhai um dia para essa classe desfavorecida da fortuna, e estendei-lhe a mão. Não é dadiva. é um emprestimo que fazeis a esses infelizes soffredores, do qual tendes de receber cem por um.

ABRAHÃO. — Cem por um, é um optimo negocio.. Pois bem, dou-vos o dobro do que prometti, meia dobra. Olhe que é só por servir.

PADRE JOÃO. — Para mim nada peço, meu irmão.

ABRAHÃO. — O que me admira é que gente tão pobre como o Reverendissimo diz serem, possua um medalhão d'este quilate... isto é, o ouro não é lá essas cousas;

porém, quem sabe onde foram buscar isto. Hoje em dia tudo é negocio...

PADRE JOÃO. — Não façais juizo temerario, meu irmão. Isto é presente de uns naufragos que foram soccorridos por essa familia, moradora da costa. Elles só puderam salvar do naufragio esta joia e deram-na a esses pobres para, em caso de necessidade extrema, empenha-la. Muito breve ella será resgatada.

ABRAHÃO (*assustado*). — Naufragio! (*a parte*) Eh! eh! E' maranhão que cá não pega. Que refinado tratante. (*alto*) N'uma palavra; dou-vos nove mil quinhentos e sessenta reis.

PADRE JOÃO. — Aceito (*dá-lhe a medalhão*).

ABRAHÃO (*a parte*). — Fiz bom negocio; vale mais de cincoenta mil reis. E' um optimo presente para a Sra. Marquiza de Crocoló. Isto ou foi achado ou furtado.

PADRE JOÃO. — A unica condição que ha, é o meu irmão não dispôr d'esta joia antes de um mez.

ABRAHÃO. — Ora essa, padre João. Porque não me disse que tinha de impôr condições? Então eu não chegaria a tanto dinheiro... Que mau negocio que eu fiz.

PADRE JOÃO. — Eu não vos vendi o objecto: empenhei-o e tenho o prazo de trinta dias para resgata-lo. Podeis, porém, cobrar-lhe o justo valor.

ABRAHÃO. — Bem, está feito: eu serei o avaliador (*conta o dinheiro e dá ao padre*). Aqui estão os nove mil e quinhentas reis, bem contadinhos. Tem ainda mais seis sessenta reis de quebradinhos... não faz duvida. Eh! eh! elle que fez um optimo negocio.

PADRE JOÃO. — Deus vos pague o bem que fizeste (*sabe*).



## SCENA IV

ABRAHÃO

Isto foi furtado, não tem dívida. Ven ler-se um medalhão de ouro d'este quilate por nove mil e quinhentos... eh! eh! Foi d'alguma vinva rica. Espertos... Estes Padre-mestres... Ora, deixa-los, nada é negocio. (*guarda o medalhão*) Vamos tratar de outros arranjos... sim, ao Chefe de Policia (*sabe*).

## SCENA V

JOSE D'ASSUMPEÇÃO e MARGARIDA de luto

JOSE. — É aqui, Margarida; mas já não o encontramos. Aqui deve estar enterrado o unico legado do testamento de Maria. Havemos de resgata-la. Que pena eu tive ao apátar-me d'essa herança sagrada; mas não havia outro remedio. Nada lincamos com que gratificar aquella pobre gente que nos salvou da morte certa. Sim, a distancia que nos separava da terra era grande e eu já estava quasi exaunime. Havia mais de duas horas que lutava com as ondas furiosas, que queriam tragar o meu precioso fardo; os meus braços já estavam amortecidos, e eu quasi desanimado, quando uma onda nos cobriu; eu apertei-te contra meu peito: eu quero morrer abraçado com a imagem de Maria.

MARGARIDA. — Para que recordas scenas tão tristes?

JOSE. — E seria hem triste aquella hora. Margarida, si a Providencia que não darine, não nos mandasse o soccorro d'aquella boa gente.

MARGARIDA. — Coitadinhos, nos levaram para sua choupana, nos offereroram tudo que possuíam. que era quasi nada, porque são tão pobres..

JOSE. — E no entanto, Margarida, ha muito gente rica neste mundo; mas esses, embriagados na posse de

tanto ouro, só ensérgam a sua opulencia e não se lembram que seus irmãos soffrem. Esquecem-se, no calor de seus festins, que uma só migalha, os sobejos de suas mezas laúdas, o desperdício de suas iguarias, poderiam servir de muito aos pobres que têm fome. É uma miséria...

MARGARIDA. — É maldade dos homens, José.

JOSÉ. — A sociedade que os comporta, que os aplaude, Margarida. A sociedade madrasta que repelle o filho intelligente porque a caprichosa natureza lisnou-lhe a pelle ou porque a fortuna lhe sorriu de longe. A sociedade! Essa alienação da igualdade humana, inventada nos prejuizos do seculo passado, é a verdadeira má, é duplamente criminosa. Criminosa porque só tem para o rico uma palavra de condescendencia, um sorriso de servelismo. E é preciso uma *corrigenda* aos máus costumes da sociedade. Margarida, és uma criança para julgares o mundo. Terias de certo naufragado neste mar de illusões mentifas, n'este labiryntho de miserias se não tivesses encontrado o meu braço que ha de deslindôr-te com ardor e dedicacão, porque és a imagem... a irmã de Maria.

MARGARIDA. — Sim, meu amigo; em nome d'ella eu l'ho agradeço. Vamos visital-a, vamos levar a ella o nosso presente.

JOSÉ. — Vamos levar-lhe as nossas saudaes e depôr um osculo sobre a terra que cobre os seus restos. Vamos ao cemiterio visitar tua irmã. Mas não devemos ir sem levar commosco o seu retrato—meu legado santo. Espera-me um pouco, vou ter com o usurario (*sahe*).

## SCENA VI

MARGARIDA

Oh! vou enfim beijar a terra que cobre os ossos de minha mãe e d'esse anjo que era minha irmã. Ah!

meu pai, se a vossa sepultura fosse também junto á d'ella, com que amor eu teceria mais uma corda de saudades. O oceano foi o vosso tumulo e quasi tambem o meu. Esta vida é um sonho. *(pausa)* Um recolhimento ora o que cabia á infeliz orphã. Era essa a minha tenção, logo que me vi salva do naufragio; mas... é ingratiidão apartar-me do meu salvador. E o mundo? O que dirá o mundo maldizente? É preciso que nos separemos. E eu que lhe tenho tanta... amizade.

## SCENA VII

MARGARIDA e DR. CHRISTOVÃO

DR. CHRISTOVÃO *(pensativo)*. — Vi-o entrar em casa do Chefe de Policia... Aqui anda cousa. Hei de saber o que elle lá foi fazer. Talvez... *(repara em Margarida)* Oh! uma senhora! Isto vac bem. Que gaiatão! Nunca lhe conheci esse desejo tão pronunciado pelas mulheres. *(para Margarida)* Minha senhora, veio então visitar o Sr. Commendador?

MARGARIDA. — Não, senhor.

DR. CHRISTOVÃO *(a parte)*. — Esta voz!... Ora... Ha tantas vozes que se parecem. Si eu pudesse ver-lhe o rosto. *(alto)* Eu não sei para que as senhoras usam de véo... um luxo egoista. *(a parte)* Não attende. *(alto)* V. Ex. veio só?

MARGARIDA. — Não, senhor. O meu... companheiro não deve tardar.

DR. CHRISTOVÃO *(a parte)*. — Seu companheiro! *(alto)* Não se assuste, minha senhora; porque me foge?... Ingrata. *(vae para ella e tenta erguer-lhe o véo do rosto)* Deixai-me ver esse rostinho encantador.

MARGARIDA *(assustada)*. — Senhor! *(apresenta-lhe duas cordas de saudades, rocas que trazia em baixo do véo)*.

DR. CHRISTOVÃO *(recua respeitoso, mão grando seu)*. — Ah!

MARGARIDA. — Não aggraveis a dor d'uma pobre orphã, senhor.

DR. CHRISTOVÃO (*reanimando-se*). — E' orphã, tanto melhor... (*vai para ella*).

JOSÉ (*dentro*). — Margarida! Margarida!

MARGARIDA E DR. CHRISTOVÃO. — Que será?

### SCENA VIII

OS DITOS e JOSÉ, puchando o Dr. LUIZ.

JOSÉ (*para Margarida*). — Ei-lo, Margarida!... E' o Doutor!... Foi Deus... (*José abraça-se com o doutor, soluçando. Margarida vem juntar-se ao grupo emmoção geral*).

DR. CHRISTOVÃO. — José d'Assumpção nos braços do Dr. Luiz! Margarida! Pois era ella! Elles salvo das ondas! Como? Oh! furias. E' o inferno que me persegue! Vou jogar ainda a ultima cartada. Ou sorte ou azar! (*encaminha-se para o fundo*) Oh! isto será um sonho? (*encontra-se com Simeão*).

### SCENA IX

OS DITOS e SIMEÃO, com algumas medalhas de campanha.

SIMEÃO. — Não, Christovão de Souza: é a justiça de Deus!

DR. CHRISTOVÃO (*aterrado*). — Oh! o negro! Ainda o negro!

SIMEÃO (*calmo*). — Sempre o negro.

JOSÉ (*desprendendo-se dos braços do Doutor*). — Doutor!

DR. LUIZ. — José! meu amigo!

MARGARIDA.—Oh! Foi um milagre da Santa Virgem, Sr. Doutor!

JOSÉ.—Sim! só um milagre! (*repara para Simeão*). E aquelle que alli está, quem é, Doutor?

SIMEÃO.—É o antigo discípulo, o amigo, o negro Simeão.

JOSÉ (*corre a abraçar Simeão*). — Simeão! Também tu?

SIMEÃO. — Sim, meu amigo, eu sou o sombreado desle quadro.

DR. LUIZ (*abrange também Simeão*). — Bem me dizia o coração que eras tu o meu salvador.

SIMEÃO. -- Nada mais fiz do que salvar um anjo de bondade.

JOSÉ. -- Ninguém deve deserer da misericórdia Divina. Oh! foi-me restituída emfim a minha família, unica que possuiu na terra. Sim, Margarida! estes homens (*pegando nas mãos do Doutor e Simeão*) são dois verdadeiros amigos: são dois irmãos meus.

DR. LUIZ. — E ella, José?

JOSÉ. -- Ella... é a imagem de Maria. É o cotoplemento da minha trindade santa.

SIMEÃO (*apontando o Dr. Christovão*). — E aquelle homem? Ninguém o conhece? (*segura Christovão que quer sair*). Espere um pouco, Sr. Dr. Christovão de Souza!

TODOS. — Christovão de Souza!

SIMEÃO. — Sim. Ei-lo! É o anjo mádo do drama que representamos. Tem sido o algoz da innocencia; mas vá em breve expiar seus crimes.

DR. CHRISTOVÃO (*irado*). — Negro!

JOSÉ (*irritado, ameca-o*). — Miseravel!

SIMEÃO (*risonho*). — Deixai-o, meu amigo. Todos assim me tratam. Si é um insulto, o suppliciado do

Golgotha é por elle responsavel. O mundo só vê o exterior, e não pôde crer que uma ruim forma occulta um bom fundo. Conheço bem o mundo, zombo delle e desprezo os insultos destes miseraveis...

ABRAHÃO (*fura*). — Já disse que não sou capa de ladrões e criminosos. Cerquem, cerquem tudo, Srs. cabos.

SIMEÃO. — E' a gente da policia que vos procura, Sr. Dr. Christovão!

## SCENA X

## OS MESMOS e ABRAHÃO

ABRAHÃO. — Cá está o melro.

DR. CHRISTOVÃO (*temeroso*). — Abrahão!

SIMEÃO. — E' elle mesmo: o teu delatar.

DR. CHRISTOVÃO (*para Abrahão*). — Tu denunciast-me!

ABRAHÃO. — Sim, senhor. Repito que não sou capa de criminosos. Não quero mais negocios com... homem, quer saber d'uma cousa? Eu sou Comendador, sou homem de bem, e bem vê que se te consentisse... ou mais hoje ou mais amanhã, a minha honradez perceria. Uf!

DR. CHRISTOVÃO. — Tua honradez!

ABRAHÃO (*levantando a voz*). — Minha honradez, sim senhor. Não vai a cousa! Ora tudo é negocio! *(falla ao fundo)* Oh! Sr. Cabo, pôde dar a busca.

DR. CHRISTOVÃO. — Mas de que crime me accusas?

ABRAHÃO. — Faça o obsequio de pôr essa oração no plural. *(Dr. Christovão segue Abrahão que fugi de um para outro lado)*.

DR. CHRISTOVÃO. — Ladrão!

ABRAHÃO. — E' accusado de furto e roubo, sim, senhor.

DR. CHRISTOVÃO. — Assassino !

ABRAHÃO. — Tambem desse crime é accusado.

DR. CHRISTOVÃO. — Vellido ! Infame !

ABRAHÃO. — De tudo-isso, sim, senhor. São crimes previstos no codigo.

DR. CHRISTOVÃO. — Covarde !

ABRAHÃO. — Não se incomode, meu camarada, terá tempo de fumar um daquelles bons charutos que aqui o nosso Doutor deve conhecer. Eh ! eh !

voz (dentro). — Princípios a dar a busca.

ABRAHÃO. — Aberta lá camarada. Tudo é...

MARGARIDA. — Eu temo, José !

JOSÉ. — Nada tens a temer, Margarida.

DR. LUIZ. — Sim, D. Margarida, nós aqui estamos.

DR. CHRISTOVÃO (apontando Abrahamo). — Eu tambem denuncio este judeu como falsario e ladrão.

ABRAHÃO. — Ninguém ha de acreditar, porque dentro da minha burra tenho documentos que provam o contrario dessa denuncia.

DR. CHRISTOVÃO. — Denuncio tambem este negro. E' um criminoso: tentou assassinar-me com uma punhalada.

SIMEÃO. — E' verdade. O Sr. Dr. Christovão ia roubar a honra da filha de minha senhora, depois de haver concorrido para a usurpação da sua fortuna, tendo já roubado a razão deste moço. (mostra José). O Sr. Dr. Christovão de Souza é tres vezes ladrão.

ABRAHÃO. — Tres vezes! Queria eu pilhar em dez tostões quantas passam.

DR. LUIZ. — Pede denuncia-lo, Sr. Dr. Christovão. A sua denuncia não procederá, porque em minha

gaveta se encontra o perdão que obtive em seu favor. E não se lhe fez graça, foi justiça, attento á sua intenção e aos relevantes serviços que prestou á Patria.

DR. CHRISTOVÃO. — Eu denuncio mais como escravo fugido.

SIMEÃO. — A furia já limpou essa mancha vergonhosa, Sr. Dr. Christovão de Souza! No theatro da guerra, seja elle muito embora erguido no abençoado torrão Sul Americano, onde infelizmente ainda se vê *arrastada a cruz de Christo como nas ruas da Jerusalem vendida*; no theatro da guerra, o fumo do canhão tem a potestade do Jordão, que baptiza em nome da sua trindade; — Liberdade, Victoria e Patria! Um soldado não póde brandir a lança contra os inimigos da mãe patria, sem que tenha sido abençoado pelo liberrimo Deus das batalhas!

JOSÉ E DR. LUIZ. — Muito bem!

voz (dentro). — Onde está o criminoso?

ABRAHÃO (para Christovão). — Olhe que o estão chamando! Hade arranjar! Tudo é negocio... Va... va...

DR. CHRISTOVÃO. — Eu vou, Sr. ladrão de casaca; mas hei de vingar-me...

ABRAHÃO. — Ora não faça custas, homem! Não dê escandalo em minha casa!

DR. CHRISTOVÃO. — A minha vingança, traidor, começa com a appareição da herdeira do Morgado. Eu bem alto declaro que este homem tem em seu banco para mais de cincoenta contos de reis, pertencentes a orphã Margarida (sahe).

## SCENA XI

OS MESMOS menos CHRISTOVÃO

ABRAHÃO (acompanhando-o até a porta). — Que pra-

Simeão  
Guerra



quejento! Já lá e tá filado. Eh! eh! Quiz assustar-me... Tudo é...

DR. LUIZ.—Elle fallou a verdade: a herdeira de Morgado aqui está. (*mostra Margarida*).

ABRAHÃO (*tomado de pasmo*).—Que!

JOSÉ.—Ella mesma, Sr. Abrahão. Está sobre a protecção do seu salvador!

ABRAHÃO.—Oh! Mas... com que direitos, senhor? Com que direitos tem-se ella sob a tutela d'esse homem inteiramente estranho? Fui amigo íntimo e correspondente do Morgado; tenho dinheiros seus em meu poder. Seu o procurador dos seus parentes e não consentirei que ella saia d'esta casa!

MARGARIDA (*desesperada*).—Ah! José! Sr. Doutor! Sr. Simão! Salva-me. Livra-me do alçoz de minha mãe!

## SCENA XII

OS MESMOS, e PADRE JOÃO

PADRE JOÃO.—Que é isto, meus Filhos?

MARGARIDA (*fallando ao encontro do padre*).—Salva-nos, Sr. padre.

ABRAHÃO.—Senhorze, eu sou commendador. *(para a filha)*. Favor a justiça!

MARGARIDA (*gritando e correndo a pelo braço*).—Não dê ouvidos, senhor. Ella hade subir.

DR. LUIZ.—Sua, elle he de subir!

ABRAHÃO.—Quem ensará?

JOSÉ (*atirando a mão*).—O negro, Sr. commendador!

DR. LUIZ, JOSÉ e PADRE JOÃO.—Nós todos.

ABRAHÃO. — Atreveim-se... com que títulos ?

MARGARIDA (*pegando na mão de José*). — Este : com o título de meu esposo.

TODOS. — Ah !

DR. LUIZ (*aparte*). — Salva !

PADRE JOÃO (*pega nas mãos de José e Margarida*). — Vamos : ao altar, meus filhos ; eu vos unirei, e Deus vos abençoará.

ABRAHÃO (*calhando n'uma cadeira*). — Está o negocio todo transformado ! Não ha remedio senão cazar-me com a Marquiza de Crocotó.

JOSÉ. — Sr. padre ; o Doutor é testemunha por parte de Margarida, e Simeão por minha parte.

PADRE JOÃO. — Vamos, meus filhos.

JOSÉ. — Um momento, Sr. padre João. Quero resgatar o medalhão.

ABRAHÃO. — De'sem-me... Deixem-me...

MARGARIDA. — Dê-nos es a reliquia e ficamos saltos de contas.

ABRAHÃO (*irregulando os olhos*). — Que diz, Sra. Margarida ? O negocio é serio ?

MARGARIDA. — Está dito.

ABRAHÃO. — Um documentozinho...

JOSÉ. — A minha palavra de honra, em face de tres cavalheiros e... do Commendador.

ABRAHÃO (*dá-lhe o medalhão*). — Aqui e lá : sab vossa palavra de honra : *fa parte* Que negocio ! cinquenta contos de reis.

PADRE JOÃO. — Ao altar, meus filhos.

MARGARIDA. — Ainda um momento, meu padre.

PADRE JOÃO. — Para que ?

O NEGRO

MARGARIDA.—Para pedir o consentimento de minha mãe.

TONOS.—Como?

MARGARIDA.—Boijando-lhe a sepultura. (*ergue as coroas de saudades roxas que trazia sob o véo. Todos curvam-se, cahi o paudo brutaemente.*)

---

## ACTO III

Rica sala em casa da Baroneza. E' noite

### SCENA I

ABRAHÃO (*casacalmente vestido*).—Ora... ora... tudo é negocio. *Oh! tempora, oh! mores!*... Quem diria que eu, o opulento commendador Abrahão Bernardo de Campos David Eustachio Felisteu da Gama Hebri, futuro Marquez de Knikniknáu, havia de assistir a um baile de mascarar! Ora... ora... essa! Depois que me casei perdi toda a energia. Um homem casado é um homem inutilizado! Hoje em dia sou um maricas! Qual; isto assim não vai bem. Minha Exma. senhora que tenha paciencia. Um homem é um homem. Vou levantar a grimpa. E agora a querer ella que me mascare, o ainda mais que me apresente no baile vestido do lobo! Lobo eu que sou um cordeiro! O futuro Marquez de Knikniknáu, de lobo...

### SCENA II

ABRAHÃO e a MARQUEZA

MARQUEZA.—Ainda nestes trajos, senhor! O senhor é a minha vergonha! Onde está a pelle de lobo?

ABRAHÃO.—Lobo? Pois então heide ser lobo mesmo?

MARQUEZA.—Seja o que quizer! Quanto me arrependo de haver-me unido a este homem pelos sagrados laços matrimoniaes! (*suspira*) Ai... ai...

ABRAHÃO.—O' marquezinha, não fico melhor de domínio? Olhe que na minha posição...

MARQUEZA.—Como entender. O senhor aqui veio mais para fazer numero.

ABRAHÃO. (*zangado*).—Eim? Para fazer numero!

MARQUEZA.—E então? Para que presta o senhor? (*sahe*).

### SCENA III

#### ABRAHÃO

Para que presta o senhor... Para fazer numero... Ora... ora... essa! Estou flautado com esta mulher... estou flautado! (*sahe*)

### SCENA IV

#### BARONEZA e CRIADO

BARONEZA.—As salas estão repletas de convidados. A alta sociedade ali está em pezo. Teremos um pomposo baile de mascaras! E viva o carnaval!

CRÍADO (*entrando*).—Os sobrinhos de V. Exa. chegaram. Aqui estão os cartões recebidos. (*entrega os cartões a Baroneza*) Só teve ingresso sem cartão um senhor de domínio azul, por quem o Sr. José d'Assumpção, sobrinho de V. Exa., responsabilizou-se (*sahe*).

BARONEZA.—Algum amigo de José. (*examina os cartões*) Dr. Luiz Americo, Duque do Quilombo, Comendador Abrahão, a Condessa do Entrecosto, o Barão do Acude, José d'Assumpção... Ora que este meu sobrinho ha de continuar na toima de regeitar os títulos de seus maiores! José d'Assumpção é um nome plebeu que não lho assenta...

## SCENA V

BARONEZA, ABRAHÃO de dominó e BARÃO DO  
AÇUDE, figura rata

ABRAHÃO.—Oh! Sra. Baroneza, só se espera por V. Exa. para se dar principio ao sarau... Tenho a honra de apresentar-lhe o meu illustradissimo amigo, o senhor Barão do Açude.

BARONEZA.—Folgo infinito Sr. Barão...

BARÃO DO AÇUDE (*curcando-se*).—Folgo infinito Sra. Baroneza...

BARONEZA.—Vamos ao baile. (*sahem*)

## SCENA VI

JOSÉ e SINEÃO de dominó azul

JOSÉ.—Póde tirar a mascara. Ninguem o conhece.

SINEÃO (*tira a mascara*).—Estão longe de contar comigo aqui. É um festim aristocata e a côr de minha pelle...

JOSÉ.—Vamos, meu amigo, debique estes pretenciosos fidalgos em regra, Dance uma walsa com a minha tia Baroneza; quero ver-lhe as feições depois que souber que dançou com um homem de côr.

SINEÃO.—E não tens receio de cair no seu desagrado?

JOSÉ.—Não. Sou teu amigo e não vacillaria um só instante entre aceitar a tua ou a amizade dessa pretenciosa.

SINEÃO (*apertando a mão de José*).—Obrigado; muito obrigado! É credor da amizade franca e leal o negro, o branco que distingue outra que não a vil e baixa nobreza

da fortuna e da herança! A alma que não se embriaga na corrupção dos palácios é uma alma sã. Entretanto os laços do parentesco que te unem hoje a esses fidalgos.

JOSÉ.—Appareceram-me muitos parentes depois que casei-me com a herdeira do Morgado: não creio nelles. Os amigos da adversidade e os inimigos da opulencia! (*Ouve-se musica*) Começa a festa. Não queres dançar?

SIMEÃO.—Por enquanto, não. Vou passear; estudar o terreno, porque bem sabes que não sou familiar n'estes salões (*sahem*).

## SCENA VII

### MARQUEZA

Irra com o tal senhor meu marido! Não me deixa um instante o maldicto! Ai... ai... meus amores! Leiamos o bilheteinho que me deu o meu galanté dominó côr de rosa. (*Lê um bilhete*) « Bella e seductora marquezinha » (*suspira*) Ai... ai... (*Lê*) Estou perdido de amores por vós, e ousa supplicar-vos que deixeis esse imbecil Abrahão para voardes a meus braços.—Dominó côr rosa.»— (*Falla*) E' um rapto que me propõe. Deverei consentir? Ai... ai... meus amores. Mas... a minha nobreza! Oh! não importa! o coração falla mais alto.

## SCENA VIII

### MARQUEZA e ABRAHÃO

ABRAHÃO (*repetindo*).—O coração falla mais alto..

MARQUEZA.—O que está o senhor abi a dizer?

ABRAHÃO.—Que o coração falla mais alto. Não se zangue senhora marquezinha; foi V. Ex. mesmo quem disse.

MARQUEZA.—O senhor é um imbecil !

ABRAHÃO.—Pois eu sou imbecil !

MARQUEZA.—Marche para o salão do baile.

ABRAHÃO.—Mas que figura faço eu ? Quem é o varão Sra. Marqueza, sou eu, ou V. Ex.

MARQUEZA.—Ai... ai... eu desmaio...

ABRAHÃO.—Está bem. Não desmaie, eu vou (*sahindo*). Este negocio... Estou flauteado com esta mulher...

## SCENA IX

MARQUEZA

Que rabugento velho ! Ah ! meu gracioso dominó cõr de rosa. Ai... ai... Sou uma Virginia sem Paulo, sou uma Julieta sem Romeu.

## SCENA X

MARQUEZA e DR. CHRISTOVÃO de mascara e dominó cõr de rosa

DR. CHRISTOVÃO (*a parte*).—Cá está a heroína.

MARQUEZA.—No verdor dos annos tem-se muita propensão para o idealismo... Ai... ai... meus amores...

DR. CHRISTOVÃO.—Sra. Marquezinha !

MARQUEZA (*a parte*).—Ehe ! (*alto*) Que me quer, senhor ?

DR. CHRISTOVÃO.—Estou louco de amores por V. Ex. Já lêu o meu bilhetinho ?

MARQUEZA.—A minha dignidade não permite lêr bilhetinhos de namorados mascarados. Tirei a mascara...

DR. CHRISTOVÃO (*tira a mascara*).—V. Ex. não me conhece. Sou um fidalgo inglez.



MARQUEZA (*a parte*).—Não conheço este fidalgo!

DR. CHRISTOVÃO.—Estou deveras apaixonado por esses olhos... por esse rostinho encantador... por esse todo...

MARQUEZA.—Eu desmaio! Acuda-me que desmaio...  
(*Dr. Christovão ampara-a*) Isto é um senhor! Fidalgo, não posso corresponder ao vosso amor. Sou...

DR. CHRISTOVÃO.—Sois um anjo. Bem sei que estaes unida a um judeu usurario; mas quero libertar-vos do jugo d'esse ralhagem, d'essa estatua de mofa, porque ainda sois moça o...

MARQUEZA.—Então ainda sou moça, fidalgo?

DR. CHRISTOVÃO.—Oh! moça e bella! Fugamos...

MARQUEZA.—Tenho pejo... e a minha dignidade...

## SCENA XI

### OS MESMOS e ABRAHÃO

ABRAHÃO.—Ella a modo que fallou em dignidade...  
(*Dr. Christovão põe a mascara*)

MARQUEZA.—Outra vez. Oh! homem incorrigivel!

ABRAHÃO.—Quem é aquelle?

MARQUEZA.—É a senhora Duqueza de... de...

ABRAHÃO.—De que? Vou lhe pedir uma polka.

MARQUEZA.—Não consinto. Ha de dançar commigo.  
(*mucha-o*).

ABRAHÃO.—Ora... ora... pois so a Marquezinha nunca desejou dançar commigo! (*a parte*) Esta mulher...  
(*sahem*)

## SCENA XII

DR. CHRISTOVÃO, que tem tirado a mascara.

Heide me vingar deste maldito. Fugi da prisão para

raptar-lhe o mimoso par e o conteúdo da sua burra. No velho mundo desfructarei essa fortuna roubada á humanidade. Ninguém aqui me conhece senão pelo Barão de não sei que. Vamos. Convém que a Marqueza obtenha a chave da burra. *(sabe)*

## SCENA XIII

## BARONEZA e MARGARIDA

BARONEZA.—Noto, Margarida, que não estás satisfeita neste festim. O que te incommoda, dize ?

MARGARIDA.—Oh ! minha tia, V. Ex. confunde-me com tantos absequeios. Não tenho phrases com que agradeça as maneiras com que V. Ex. me distingue nos seus salões. Mas.... é forçoso confessar ? estou um tanto contrariada. Aqui as galas, o prazer, a louca vertigem da dança e o fermento dos licores que incendia o cerebro da opulencia ; aqui a loucura dos grandes. Bem perto d'aqui, em misero albergue a pobreza a braços com a miseria, a virtude contorcendo-se nas agonias da vida. Oh ! perdão, minha tia ; o desejo de servir a V. Ex. e a obrigação de não maguar a meu bom esposo, para aqui me arrastaram ; mas a lembrança do estado melindroso da saude do virtuoso Padre João, a idéa de que elle a esta hora está talvez, luctando com as agonias da morte....

BARONEZA.—Estás hoje muito exagerada, Margarida. Tu sempre tão amavel, tão hoasinha. A doença desse Padre não julgo motivo bastante para tamanha emoção.

MARGARIDA.—Oh ! é porque V. Ex. não sabe as obrigações que devemos áquelle santo amigo.

BARONEZA.—E não tens pago esses favores ? Não são os sobrinhos que o soccorrem ? O que lhe falta ?

MARGARIDA.—Falta-lhe um coração amigo que receba o seu ultimo suspiro. Falta quem lhe velle á

cabeceira como elle o fez á cabeceira de minha irmã....

BARONEZA.—Amanhã, Margarida. Hoje não podes deixar a nossa festa. A' saída do convidados estria a dança. Não, não te preoccupes essas idéas tristes em um dia como este. (*musica*) Vamos ao salão do baile.

MARGARIDA (*a parte*).—Dançar! Envolver o corpo no turbilhão dos prazeres quando a alma se apresta a receber o fumo do luto? oh! mundo de mentiras!

## SCENA XIV

OS MESMOS e MARQUEZA.

MARQUEZA.—Baroneza, quem é aquelle dominó azul que tem-nos divertido tanto lá no salão? Preciso saber quem é aquelle fidalgo espirituoso. Acho-me um tanto offendida de alguns de seus gracejos. Quero vingar-me. Dize-me quem é elle, Baroneza!

BARONEZA.—Não sei. Creio que deseja conservar o incognito até mesmo para mim. Sabes quem elle seja Margarida!

MARGARIDA.—Ignoro, minha tia.

MARQUEZA.—Oh! não me querem contar! Pois hei de descobrir. (*olhando*) Lá está elle ás voltas com a Condessa, depois de haver debicado o meu Comendador. (*Baixo á Baroneza*) E quem é aquelle dominó cor de rosa!

BARONEZA.—Não t'o posso dizer, Marqueza. É muito curiosa. (*Baixo*) Podes namoral-o: é um excellente fidalgo. (*musica*). Vamos, Margarida, já nos fazemos esperar. (*sahem*)

## SCENA XV

MARQUEZA e ABRAHÃO logo depois

MARQUEZA.—Hei-de saber tudo. Ai... ai... meu amores. Ora, que exigencia a do fidalgo. Se não fosse o que me disse a Baroneza havia de suppor-o um larrapic. Emfim, aqui está a chave.

ABRAHÃO.—Ella a modo que fallou em chave.

MARQUEZA.—Ainda o senhor!

ABRAHÃO.—Ora, senhora Marquezinha, eu tenho receio que algum destes fidalgos pobres passem as unhas na chave. Dê-m'a cá. Isso não é objecto que se confie ás mulheres.

MARQUEZA.—Oh! meu Cominendador, vamos dançar uma polka. Sim, á dança, á dança. (Arrasta-o).

ABRAHÃO.—Esta mulher.... (saem)

## SCENA XVI

JOSÉ e DR. LUIZ

DR. LUIZ.—Então o nosso homem está ás voltas com os grandes?

JOSÉ.—Andam n'uma roda viva. Simeão tem muito espirito. La ficou elle delicando a vaidosa Condessinha.

DR. LUIZ.—Fogem-lhe como o diabo da cruz, receiando que lhes ponha a calva á mostra; mas não cançam de indagar quem seja o espirituoso nobre!

JOSÉ.—E elle é um verdadeiro nobre, Doutor. Não é branco, não possui essa imaginaria nobreza de sangue; mas é nobre pelas accões. Si esta gente soubesse avaliar os revelantes serviços que Simeão prestou á Patria, si dessem-se ao trabalho de estudar a vida d'esse

homem singular, haviam de franquear-lhe os seus salões. Foi captivo! Quo importa! Si o captiveiro é uma mancha, quem é por ella responsavel?

DR. LUIZ.—Simeão comprehende a sociedade, José, o talvez por isso mesmo seja por ella temido.

JOSÉ.—Não duvido. Desculpam-se com a sua côr ou condição passada... O captiveiro é um martyrio e o sangue do martyr não mancha, ao contrario, purifica. Ah! meu amigo: no seio mesmo d'esta sociedade alta, onde me collocou a aura honrançosa de um dia de felicidade, eu aborreço o incenso nocivo das vaidades humanas! Quanto mais alta mais corrupta se torna a atmospherá!

DR. LUIZ.—Alguem se encaminha para cá. Ah! é o nosso dominó azul de braço com a Baroneza.

JOSÉ.—Os extremos tocam-se: ha explosão com certeza!

## SCENA XVII

OS MESMOS, BARONEZA e SIMEÃO de mascara

BARONEZA.—Então acha?

SIMEÃO.—Que V. Ex. dança muito bem: Até na dança denuncia a alta linhagem a que pertence.

BARONEZA.—Lisongeiro! Meu sobrinho, quem é este espirituoso, diga-me?

SIMEÃO.—A minha nobreza não consente que este cavalheiro revele o segredo do men incognito.

DR. LUIZ (*baixo a José*).—Retiremo-nos porque estou quasi desandando uma gargalhada.

JOSÉ.—Deixemos o illustre par á vontade. Passemos ao outro salão. Com licença de V. Ex. (*sahem*)

## SCENA XVIII

BARONEZA e SIMEÃO

BARONEZA.—Preciso saber o nome do cavalheiro.

SIMEÃO.—A fidalga ordena?

BARONEZA.—A tanto não vai a minha autoridade. Peco-lho.

SIMEÃO.—Não insista, Sra. Baroneza; pôde arrepen-der-se. Rasgado que seja o véo do meu incognito o espirito amargará e o espiritoso será talvez enxotado do palacete de V. Ex...

BARONEZA.—Oh! cavalheiro! Retrata-se do que disse. Essas palavras que vem de profeir são insultuosas...

SIMEÃO.—Eu disse, porque V. Ex. é muito aristocrata, muito zelosa de sua nobreza e apreciaria certamente com azedume, repugnancia e mortal desgoto o haver dançado com um homem inteiramente avesso aos ridiculos preconceitos de linhagem.

BARONEZA.—O cavalheiro, quem quer seja, veio em companhia de meu sobrinho e é quanto basta.

SIMEÃO.—O sobrinho de V. Ex. tem a extravagancia de não reconhecer outra nobliarchia que não a da virtude e nem outro distinctivo além da aureola do talento. E' filho do proletario, bem se vê; poderá tambem ser enxotado com a canalha.

BARONEZA.—Cavalheiro!

SIMEÃO.—Perdão; mais um pouco de paciencia e verá desenrolada a arvore genealogica de minha familia. O cadastro de meus avós é facil de compulsar-se. Ainda insisto pelo seu perdão até o acto publico do meu reconhecimento. Sempre que represento, drama ou comedia, gosto de concorrência. Começam os espectadores a chegar... Mais um pouco de paciencia. Sra. Baroneza.

## SCENA XIX

OS MESMOS, MARQUEZA e depois ABRAHÃO

MARQUEZA.— Ah! Cá está o mysterioso. Sou filha de Eva. Por minha nobreza hei de saber quem elle é.

SIMEÃO.— Quem sou? Vampiro social em busca de uma aurea commenda, a cujo brilho se renda a mais bella, joven e seductora Marqueza do mundo allegante.

MARQUEZA.— Como é ispiritioso! Como é galante! Ai... ai... meus amores. Vamos examinal-o. Que olhos fascinadores. Deve ser... moreno; não, Baroneza?

BARONEZA.— Sou a crer que não; deve ser louro e pallidez romantica...

MARQUEZA.— Nariz grego; labios finos e rosados; fronte larga e... Ai... ai... meus amores.

ABRAHÃO (*a parte*).— Onde estará ella? De certo com a tal Duqueza. Que negocio terão ellas? (*musica*)

BARONEZA E MARQUEZA (*para Simeão*).— Vamos dançar esta walsa?

SIMEÃO.— Com muito prazer.

MARQUEZA.— E' comigo. (*Pucha-o para si*)

BARONEZA.— Não; ha-se ser commigo. (*Leca-o para dentro*).

MARQUEZA.— Ai que arreento! Ah! meu dominó cór de...

ABRAHÃO.— Cór de maravilha: eh! eh! é o meu.

MARQUEZA.— Ainda ali seu rabugento!

ABRAHÃO (*colerico*).— Irra, Sra. Marqueza! Dê-me já a chave da burra.

MARQUEZA.— Ai! ai! eu desmaio... desmaio... Ar! quero ar!

ABRAHÃO (*afflicto*).—Por caridade, Marquezinha; venha, depressa chegue-se a esta janella... (*sahe*)

## SCENA XX

DR. LUIZ, depois MARGARIDA

DR. LUIZ.—Entregaram-me esta carta da parte do padre João. Santo homem! Está desenganado! Que quererá elle? (*Lê*) «Doutor.—Acabo de receber a extrema-uncção: é o sacramento do moribundo! A hora é solemne. Em breve meu corpo oscillante á beira do tumulto dará sua quêda e minha alma se apresentará ante o excelso throno do Juiz Supremo. Estou resignado, estou tranquillo como um soldado da Cruz triumphante do mundo. Venha: preciso fallar-vos, preciso fallar ao José e dizer-vos o meu ultimo Adeus.—O Padre João». Oh! Não ha tempo a perder. (*vae a sahir*).

MARGARIDA.—Onde vae, Doutor?

DR. LUIZ.—Vou... desculpe-me minha senhora. (*quer sahir*)

MARGARIDA.—Não sahe! Preciso de seus serviços... E' um presentimento que me mata...

DR. LUIZ.—Perdão! D'aqui a pouco estarei as suas ordens; agora, porém...

MARGARIDA (*impedindo-lhe a saída*).—Attenda-me por quem é, Doutor!

DR. LUIZ.—Oh! não se pôde impedir o passo de um medico, minha senhora: (*Diz como que fallando para si*). O padre João está nas ultimas... (*sahe*)

MARGARIDA.—Ah! Bem me advinhava o coração (*sahe atraz do Doutor*).

## SCENA XXI

DR. CHRISTOVÃO e depois SIMEÃO

DR. CHRISTOVÃO (*tira a mascara*).—Está tudo combi-



nado. N'estes dez minutos estarei de posse da velha Marqueza e da chave, conseguindo o que farei uma visita a burra do usurario, que me denunciou e... irei viajar pela Europa. Quanto á Marqueza... depois do escandalo publico... poderá ainda viver no seio de Abrahão. Avante, Christovão de Souza: não ha retroceder n'esta luta de odios contra a humanidade. O céu me amaldiçoa; o mundo me despreza e eu vingomeda sociedade... (*Vendo Simeão entrar*) Oh! o dominó azul (*quer por a mascara*).

SIMEÃO (*mascarado*).—Não vá de encommodar-se, Sr. Barão de... de Christovão de Souza.

DR. CHRISTOVÃO.—Silencio! Por Deus...

SIMEÃO.—Silencio. Agora mando eu. Os labios gangrenados pela maldade não devem proferir o santo nome de Deus! A degradação tem o seu nivel; a miseria os seus degraus; a infamia o seu lodaçal: tu, deceste muito além...

DR. CHRISTOVÃO (*exaltando-se*).—Um insulto. Oh! quero sangue para lavar-o.

SIMEÃO.—Silencio? Cavalha.

DR. CHRISTOVÃO (*muda de tom*).—Ah! ia tomando ao sério o espirito d'este... mascarado. (*voltando as costas a Simeão*). Não vale a pena...

SIMEÃO (*Tira a mascara e põe-se-lhe em frente*).—O que é que não vale a pena, senhor criminoso?

DR. CHRISTOVÃO.—Oh! o negro, sempre o negro!

SIMEÃO.—Sempre o negro, é verdade; e que seja esta a ultima vez que te encontre na carreira de crime. Ai de ti se assim não acontecer.

DR. CHRISTOVÃO.—Fugi, é verdade, qual o encarcerado que não o fará? Corro em busca da liberdade que me roubam; mas não intento fazer mal a ninguém, senhor...

SIMEÃO.—Sei tudo. Seduziste a Marqueza e prepa-

ras-te para roubar Abrahão. Eu podia deixar-te realizar os teus intentos: seria mais uma lição ao mundo das presumpções. E a sociedade... nenhuma palavra de censura poderia dirigir ao negro. Não quero, porém...

DR. CHRISTOVÃO.—Simeão, tu que me segues como uma sombra terrível, implacável; tu que has apontado sempre a vereda errada que levei; tu que és generoso, deixas-me por uma hora que te deixarei para sempre.

SIMEÃO.—Não. O rapto e o roubo são crimes degradantes perante minha consciencia. Eu te os prohibo. Se a sociedade dos brancos te deu ingresso n'este salão, não seja eu quem te o expulse d'elle. Fica ou parte; porém, com a condição de renunciáros teus máus intentos e... procurares a redempção das culpas nas aguas purificadas do arrependimento.

DR. CHRISTOVÃO.—Está bem, eu o prometto.

SIMEÃO.—Olha... Christovão de Souza!

DR. CHRISTOVÃO.—Eu juro até, Simeão.

SIMEÃO.—Ide, infeliz, em busca da mesma cruz de Magdalena. (*Christovão sahe*)

## SCENA XXII

SIMEÃO, ABRAHÃO, MARQUEZA, BARONEZA e convidados

SIMEÃO.—Ahi vem a bella sociedade. Já pra tempo. Quero ver a recepção de agora. (*Criada os brayde*)

MARQUEZA.—A modo que páz uma mascara preta e nosso gracioso dominó azul. (*Reparando*) Ui! elle é negro mesmo!

ABRAHÃO.—O Simeão! oh! que negro.... (*vogetti-aberto*).

BARONEZA.—Um negro nos meus salões !

MARQUEZA.—Eu bem não queria dançar com elle;

ABRAHÃO.—Eu hem andava scismando com o negocio. Ainda temos nós o dominó cor de rosa; a tal Duqueza....

MARQUEZA.—Isto é uma injuria, Baroneza: munde-o enxotar já, antes que dê escandalo.

ABRAHÃO.—Sim, antes que dê escandalo.

MARQUEZA (*toca a campainha*).—Está sujando o tapete.... (*vão entrando os concidados*);

SINEÃO.—Suja é a alma da cortezá que se ostenta pudibunda no meio das salas e ensaia no escuro dos corredores as scenas mais lascivas do repertorio das messalinas...;

MARQUEZA.—Ai... ai....

ABRAHÃO.—O que é lá isso ?

SINEÃO.—Suja é a mulher que se vende até no ultimo quartel da vida, e sem pejo, sem remorsos, faz no calor da orgia o traspasse de um corpo que não lhe pertence....

MARQUEZA.—Atrevido ! (*a parte*) Preciso me escapar (*alto*) Espera : eu já volto para te confundir. (*sabe*)

ABRAHÃO.—Sim. Havemos confundil-o ! Ou.... querem saber ? O melhor é não deixal-o fallar. Que diz a isto amigo e Sr. Barão do Açude ?

BARÃO DO AÇUDE (*curvando-se*).—E' verdade !

ABRAHÃO (*fallando-lhe*).—Que vergonha.... que vergonha....

SINEÃO (*exaltando-se*).—E falla em vergonha este hístrião ! (*despe o dominó: está de casaca e condecorações*) O Sr. Comendador tem muita razão. (*calmo*) A nobre sociedade, tão casta, tão ingenua, deve estar envergonhada deste escandalo ! Ella que se compõe de opulentos e de nobres ; ella que nunca conviveu com

he, d  
minal

ladrões de casaca; ella que nunca commungou com a devassidão.... Ah! ah! ah! A nobre sociedade teme que eu venha enxovalhar os seus tapetas.... E o illustre Commendador que é honrado, que não é velhaco, que não é infame, que não é canalha.... manda enxolar-me!

ABRAHÃO.—O que quer dizer com isto?

SIMEÃO.—Que V. Ex. não é canalha. Canalha é aquelle que se ostenta n'um pedestal de ouro, mas do ouro infamante obtido á custa da vergonha, da malicia e da miseria. Canalha é o mendigo de braços, o ladrão de casaca, que arrasta ao thalamo, ao santuario da familia uma mulher impura, mas que conta os annos por centenares de moedas, ajuntando ao dote um titulo de nobreza.

ABRAHÃO.—Esse negocio não é commigo.

SIMEÃO.—Não é por certo esse canalha de quem eu fallo, que tem, n'este momento, a casa assaltada por ladrões do seu jaez, que tratam de lhe roubar a mulher e o dinheiro.

ABRAHÃO.—Ui, ui, ui, ui! Que é da Marquezinha, que é da Duqueza? Não as viram, não as viram, meus senhores? Vou prevenir a policia. Sim: não é nada commigo; mas é bom prevenir a policia. (sabe)

SIMEÃO.—Sabeis fechar as portas de vossos salões ao homem honrado, porque é negro; mas consentis n'elles os ladrões, os seductores, os devassos e os assassinos até! Aqui não se indaga o proceder do conviva, quer-se saber sómente si tem ouro, si tem casaca e luyas de pellica, e se tem a pelle brancacenta. Arranque-se os magros vintens da pobreza; cave-se a ruina de familias inteiras; seja-se surdo ao pranto da viuvez e da orphandade, frio ás agonias do moribundo e aos lamentos da escravidão: seja-se um septico até, que ser-se-ha recebido nesta honrada sociedade com os braços abertos. Oh! miseria! E vicemos ao sol d'America em pleno seculo XIX! E somos por vin-

Jouros de 89! (*Baroneza sahe e os convidados vão também sahindo um a um até o fim d'esta falla*) E se estas insignias, (*bate no peito*) compradas á custa do sangue no campo da batalha, em defesa d'esta terra, regada com o sangue do martyr de 93; se estas insignias, repito, que lembram as noites veladas, a fome o cansaço e o ferro inimigo, não valem mais do que esses titulos de nobresa, comprados no ocio com o ouro manchado, eu não as quero aqui, testemunhando as pulsações do coração! (*arranca as medalhas e arremessa ao chão*) Porém.... agora reparo: bateram em debandada e deixaram-me só em campo! Deixemos também este palacio de prejuizos! Aqui reside o mundo de preconceitos envolto nas dobras da mortalha do passado; aqui vive o orgulho, ignorante e presumido, levantando altares aos costumes caducos de uma sociedade desbriosa. Partamos: este ambiente suffoca....

## SCENA XXIII

SIMEÃO e ABRAHÃO

ABRAHÃO (*a Simeão*).—Obrigado, muito obrigado! Cheguei a tempo de salva-la!

SIMEÃO.--Quem? a Marqueza?

ABRAHÃO.--Não: a burra.

## EPILOGO

Sala pobre. Um leito, junto ao qual está um movel com alguns vidros de remedios. Um Crucifixo ladeado por duas velas de cera accozas sobre um altar.

## SCENA UNICA

O PADRE JOÃO deitado no leito : DR. LUIZ, JOSE d'ASSUMPCÃO, MARGARIDA e um comparsa rodeiam-no ; no final da scena SIMEÃO.

Ao levantar o panno ouve-se laler compassadamente doze badaladas om um campanario. Tristeza geral.

MARGARIDA.—São horas do remedio. (*Toma um copo que apresenta ao enfermo*) Beba ; beba, sim ?

PADRE JOÃO.—Pará que ? minha filha : não ha mais remedio para este corpo que se esvaece.... está cansado ; não pôde mais prender-se em intima união com a alma que está sã e forte ; gravita em busca do pó d'onde sabiu....

MARGARIDA (*insistindo*).—Beba : eu lh'o supplico.

PADRE JOÃO (*bebe o remedio*).—Tomeio-o só por satisfazor-te. (*vendo Margarida chorar*) Mas.... o que é isso ? porque choras ? filha. Não vês que estou contente por deixar o mundo ? Guardai tuas lagrimas para vertêl-as em amor da humanidade peccadora.

DR. LUIZ.—« Não choreis por mim ; choraes por vós mesma. »

PADRE JOÃO.—São palavras de Jesus-Christo ás filhas de Jerusalém. Eil-o alli, meu bom Doutor. (*apontando a imagem do Christo*) E' o cordeiro de Bethfagé, é o apostolo da igualdade humana, é o martyr do Calvario. — Eil-o, o verbo do amor e da caridade. Parece-me vêr pendente de seus labios as ultimas palavras que proferiu no lonho da Cruz : Perdão!

Perdão! (todos procuram disfarçar a commoção e occultar as lagrimas) Oh!... (desfallece, o Doutor sub-o aspirar uns suspiros. Todos se conchegam. O Padre vac-se animando).

JOSE (tomando o Doutor a parte). — O que é isto, Doutor; que accidente é este?

DR. LUIZ. — É o crepitar de uma alampada, cuja luz está quasi a apagar-se: é uma estrella cadente, meu amigo.

PADRE JOÃO. — Approxima-se a hora... este deliquio é signal evidente.

JOSE (a parte). — Tristo preannuncia!

PADRE JOÃO. — Agora só me resta o cumprimento de uma promessa. Meus amigos, ha já bem annos que recebi e guardo uma carta que tem referencia directa com José d'Assumpção.

JOSE. — Comuigo?

PADRE JOÃO. — Sim, comtigo. Debaxo da penha do Crucifrado deve ella estar, procura-a e lê.

JOSE (depois de encontrar-a e lê-a). — É uma carta do finado Coronel, marido da mãe de Margarida, e do pae de Maria. Pede ao Sr. Padre João que só revele o segredo á hora da morte... É esse segredo?

PADRE JOÃO. — É que sois seu filho. Sim: Maria e Margarida são irmãs por parte de D. Amélia de Castro: tu e Maria irmãos por parte do Coronel, de quem ella era filha legitima e tu filho natural.

JOSE. — Eu, irmão de Maria! Oh!

DR. LUIZ. — Maria não podia ser tua esposa, José; mas o teu amor era puro e D. Margarida vem partilhá-lo. É ella a imagem, a encarnação de Maria. ||

MARGARIDA (a parte). — E poderei amal-o tanto quanto ella o amava...

PADRE JOÃO. — O olho da Providencia não dorme meus filhos.

JOSE.—E eu curvo-me aos seus decretos infinitos, Padre.

PADRE JOÃO (*música em surdina*).—Está finalmente cumprida a minha missão na terra : sede felizes, meus filhos. É chegado o momento da despedida (*aponta para o Crucifixo, que lhe dão a beijar*) Perdão, Senhor ; perdão para os filhos de Eva.... Meus filhos : adeus.... adeus.... (*todos beijam-lhe as mãos*) Orae.... orae.... a Elle.... (*todos ajoelham e choram*).

SIMEÃO (*entra e para junto do grupo*).—Ah ! é a morte do justo !... (*cai o panno lentamente*).

FIM

N. B.—O autor concede licença a qualquer sociedade ou companhia dramatica para levar este drama á scena em qualquer parte onde a autoridade policial a isso não se opponha.

Typ. da — ESCOLA — Rua Sete de Setembro n. 83

S/O [1879]

Rio de Janeiro